ISMAEL CHUVAS
OFICINA DE ENCADERNAÇÃO
COURIÇA DOS APOSTOLOS
COIMBRA

8
118
2

8
118
2

ANUÁRIO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1949-1950

ANUÁRIO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1949-1950

COIMBRA
1 9 5 1

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

ANUÁRIO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1949-1950

ANUÁRIO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1949-1950

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
OFERTA
COIMBRA

COIMBRA
1 9 5 1

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA
DE COIMBRA, LIMITADA — LARGO DE
S. SALVADOR, 1 A 3 — COIMBRA

I

RELATÓRIO

(Lido em 17 de Outubro de 1949 pelo Ex.mo Reitor,
Doutor Maximino José de Morais Correia)

Ex.mo Senhor Ministro da Educação Nacional
Senhor Director-Geral do Ensino Superior
e das Belas-Artes
Prezados Colegas
Senhores Estudantes
Minhas Senhoras e meus Senhores

No decurso do ano lectivo cuja resenha de factos, em obediência ao Estatuto Universitário, vos apresento, alguns houve de suma importância para a vida da nossa secular e gloriosa Instituição.

A inauguração do primeiro edifício universitário, construído de raíz para ser o Arquivo, obedecendo na traça e apetrechamento aos requisitos mais modernos, marca uma nova era de engrandecimento, integrada no ressurgimento material e moral do País.

Essa inauguração foi honrada com a presença de Suas Excelências os Senhores Ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas, que também se dignaram assistir à solene inauguração do ano lectivo.

Não foi possível a Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas estar este ano presente à solenidade de hoje, mas lembro que há pouco mais de dois meses aqui veio percorrer, mais uma vez, as obras da Cidade Universitária, com o vigilante interesse de sempre, a todos estimulando com a sua inquebrantável vontade e infatigável energia.

Mas temos, novamente, a honra da presença de Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional, que em três suces-

sivos anos vem ocupar neste acto o seu lugar de professor, dando-nos a grata segurança de que não abdica do nosso convívio e amizade. E recordo com dobrado prazer que em todas estas visitas, por iniciativa de Sua Excelência, o Governo tem honrado e homenageado alguns dos nossos colegas.

É pois com sincero júbilo que em nome da nossa Universidade apresento a Sua Excelência a expressão do mais alto apreço e respeitosa amizade.

Saúdo também efusivamente o Senhor Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes pela sua aquiescência ao convite que lhe dirigimos. E a expontaneidade com que o aceitou só é comparável ao prazer que todos sentimos em vê-lo nesta Casa, que tanto lhe deve.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Singular relevo, pelo brilho e dignidade de que se revestiram, tiveram as comemorações do IV Centenário do nascimento do Doutor Exímio, Francisco Suarez.

Levadas a efeito por iniciativa do Governo de Espanha, que se empenhou em imprimir-lhes a maior solenidade, organizando uma verdadeira peregrinação por todas as Universidades peninsulares onde Suarez exerceu a sua actividade, vieram terminar, como era lógico, na nossa Universidade, que por 20 anos o contou entre os seus luminares.

Deu-nos o nosso Governo — honra lhe seja! — os meios suficientes para que, não só a nossa representação em Espanha, mas as solenidades em Portugal, estivessem à altura do bom nome do País e do prestígio da Univeridade a que nos honramos de pertencer; e temos a certeza, pelas impressões colhidas dos nossos visitantes, que o que se desenrolou em Coimbra não foi excedido nem sequer igualado em qualquer outra Universidade.

Na peregrinação suareziana, iniciada em Granada estiveram presentes quatro professores da Faculdade de Letras e dois da Faculdade de Direito, entre eles o Senhor Vice-Reitor, com a representação da Universidade de Coimbra.

A nossa Universidade honrou-se com a presença de Suas Excelências os Senhores Ministros da Educação Nacional e dos

Estrangeiros, dos Senhores Presidente do Instituto para a Alta Cultura e Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes e de outras personalidades de relevo.

De Espanha estiveram presentes Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional, Ibañez Martin, os Senhores Embaixador da Espanha em Portugal, Director-Geral do Ensino Superior, Director-Geral da Propaganda e Secretário-Geral do Conselho Superior de Investigações Científicas.

Mais de 50 professores de diversas Universidades e Institutos de várias nacionalidades tomaram parte nas comemorações.

As sessões de trabalho realizaram-se no novo edifício do Arquivo, com pleno êxito.

*

Os participantes no Congresso de História da Arte foram solenemente recebidos na nossa Universidade. Foi-lhes oferecida uma refeição e realizou-se, também no Arquivo, uma sessão de trabalhos, tudo tendo decorrido na melhor ordem e ambiente cordial.

* * *

Dois factos de importância nacional levaram a Universidade a manifestar-se. O resgate do Caminho de Ferro e Porto da Beira foi apreciado em sessão do Senado de 14 de Dezembro de 1948, e por tal motivo se enviaram saudações ao Governo: transcrevo parte do agradecimento de Sua Excelência o Senhor Ministro dos Estrangeiros, em resposta ao ofício enviado: «O voto de regosijo pelo resgate do Porto da Beira e pela aquisição do Caminho de Ferro da Beira à Rodésia, aprovado por aclamação pelo Senado Universitário de Coimbra, mostra bem, uma vez mais, quanto essa Universidade sabe estar atenta aos altos interesses da Nação».

O outro facto foi a reeleição do Senhor Marechal Carmona para a Presidência da República.

O Senado resolveu enviar a Lisboa uma delegação que foi recebida no Palácio de Belém, onde o Reitor teve a honra de saudar, em nome da Universidade de Coimbra, Sua Excelência o Senhor Presidente da República, o qual manifestou o maior apreço pela Instituição e pelo seu corpo docente.

* * *

A leitura dos relatórios dos Senhores Directores dos Serviços mostra-nos que persistem certas deficiências em pessoal e material, que urge remediar.

As dotações dos diversos serviços não estão actualizadas, e se lembrarmos que uma recente circular veio cercear as magras verbas de que dispõem, ter-se-á uma ideia das dificuldades com que lutam quase todos os departamentos universitários.

Temos a convicção de que tal estado de coisas se remediará em breve, e a nossa confiança no Governo alenta-nos a cumprir dentro dos sacrifícios impostos, mas nem por isso deixamos de fazer notar os inconvenientes que daí resultam para a vida da Instituição que nos incumbe defender e dirigir.

A Universidade aguarda ainda que se dê satisfação ao voto unânime emitido pelo Senado em sua sessão de 1 de Agosto passado.

E, já que se abordou o assunto, não queremos deixar fugir a oportunidade de mais uma vez apelar para o Governo da Nação para que o regime administrativo da Universidade seja modificado.

As dificuldades de vida dos diversos serviços são enormes com as dotações existentes. Mas a utilização dessas verbas está, ainda para mais, por tal forma dificultada por peias várias, autorizações a pedir e a conceder, exigindo e multiplicando uma tal quantidade de expediente, que tudo se torna extremamente árduo e esgota o tempo e a paciência.

Cada director de serviço tem de ser ou de dispor de um contabilista, de ter uma escrita, sem falar na responsabilidade que lhe incumbe.

Se agora subirmos às contas gerais da Universidade, de que é responsável o Senado, deparamos com anomalias idênticas. Já há bastantes anos o ilustre Professor Doutor José Alberto dos Reis emitiu uma declaração de voto que exprime claramente essas anomalias, e que todos os anos, na sessão de aprovação de contas de gerência, é transcrita e perfilhada por todos os senadores.

Apesar de tudo, de quando em vez, o Senado é condenado pelo Tribunal de Contas, e suponho que esta situação não é edificante. Urge por-lhe cobro, remodelando a legislação uni-

versitária no que respeita à parte administrativa. É esse voto que formulo, certo de que merecerá a atenção de Sua Excelência o Ministro.

* * *

Todos os serviços do Arquivo, catalogações, encorporações, leitura e expediente, decorreram na melhor ordem e com real incremento, devido, como faz notar o Senhor Director, à excelência das novas instalações e principalmente ao aumento dos respectivos quadros de funcionalismo.

Foram feitas ao Arquivo importantes ofertas pelos Senhores Drs. João Jardim de Vilhena e Sebastião Centeno Fragoso e Engenheiro José Salema Garção. A importância destas dádivas foi tal, especialmente as do Senhor Engenheiro Salema Garção, que o Senado ocupou-se especialmente do assunto, delegando no Reitor o encargo de pessoalmente lhe transmitir os agradecimentos da Universidade.

Para se avaliar o interesse de alguns desses documentos, quase todos relativos a Coimbra e à Universidade, basta mencionar o original em pergaminho da «Carta de D. João III nomeando Cancelário da Universidade o Prior de Santa Cruz».

Aqui exprimo pùblicamente a tão dignos beneméritos o agradecimento da Universidade.

Imprimiram-se pelo Arquivo duas obras: o Catálogo do Mosteiro de S. Marcos, pelo Dr. Manuel Esteves, e o Catálogo dos Colégios de S. Bento e do Carmo, pelo Dr. João José de Brito e Silva.

* * *

As actividades da Biblioteca Geral que importa pôr em relevo são as relações internacionais e as publicações, aliás interdependentes, como é óbvio. Entram na Biblioteca Geral, anualmente, dez mil publicações.

Basta este facto para nos dar uma ideia do trabalho de catalogação e arrumação necessário e fazer sentir a aflitiva deficiência de pessoal com que luta este departamento da Universidade, como diz o seu Director, «património comum e seu grande veio de comunicação internacional».

Das relações internacionais, basta citar o número de revistas recebidas gratuita e regularmente por permuta, que é de 196, para se ter a noção da extensão e importância dessas relações.

Universidades das mais categorizadas, como as de Upsala, Florença, Colónia, etc., solicitam insistentemente às nossas publicações, e isso deve-se principalmente aos «Acta Universitatis Conimbrigensis», que já atingiram uma extensão cultural que se tem imposto.

As medidas restritivas a que já se fez referência afectaram a vida da Biblioteca Geral com uma gravidade que alarmou toda a Universidade.

Não só as publicações teriam de cessar com a perda consequente da permuta, mas a impossibilidade de manter os assalariados desorganizava os serviços por tal forma que houve que fazer sentir superiormente a extensão dos prejuízos causados.

O Governo atendeu, felizmente, as solicitações da Universidade.

A actividade publicitária da Biblioteca anuncia para breve mais as seguintes publicações:

— dois volumes de catálogos de manuscritos;

— um volume de legislação relativa aos arquivos e bibliotecas portuguesas, de 1796 a 1948;

— e mais seis volumes pelos «Acta Universitatis Conimbrigensis».

* * *

A Faculdade de Letras conseguiu, apesar do seu reduzido número de professores catedráticos, assegurar a regência de todas as cadeiras e cursos das diferentes secções.

Com o auxílio do Instituto para a Alta Cultura foi mesmo possível realizar cursos especiais, como o de Charles Verlinden sobre «História Económica», de Yves Renouard sobre «História Económica Medieval», de Luigi Federzoni sobre «Humanismo Italiano e História do Humanismo» e ainda o de Leopold Wagner sobre «Dialectologia e Atlas Linguísticos».

Numerosas conferências e serões de arte de iniciativa, alguns destes, da secção cultural da Associação Académica, acresceram a actividade cultural desta Faculdade, que não desmereceu da dos anos anteriores.

Os Institutos de Estudos Clássicos, de Estudos Históricos e de Estudos Geográficos tiveram uma actividade digna de menção, estando, pelo que respeita ao primeiro, em preparação o segundo volume da *Humanitas*, e tomando a iniciativa da realização de conferências.

Pelo que respeita ao Instituto Dr. António de Vasconcelos, alguns dos trabalhos ali realizados tiveram grande repercussão, especialmente os do Senhor Professor Pierre David sobre a Galiza e Portugal do século VI ao século XII. O Clero bracarense, no reconhecimento da importância, para a sua diocese, de tais estudos, prestou uma significativa homenagem ao ilustre Professor atribuindo-lhe a dignidade de Cónego honorário da Sé Primacial. Às cerimónias realizadas naquela cidade estiveram presentes cinco professores da Faculdade de Letras, entre eles o seu Director, que representou o Reitor, sendo muito homenageada a nossa Universidade.

No Instituto de Estudos Geográficos organizam-se cartas para o ensino, tendo já sido publicada a primeira colecção referente à América do Sul política. Também se deu por concluída a carta de densidade e população de Portugal por freguesias, na escala de 1/500.000.

Concluiu-se o XXIV volume da *Biblos* e o IV da *Brasília*, estando em organização o segundo da *Humanitas*, como já se disse, e outro da *Revista Portuguesa de Filologia*.

Estão em via de publicação uma História da Literatura Portuguesa e as Obras Completas de Gil Vicente e outras da autoria e iniciativa de vários professores desta Faculdade.

Continua em crise a vida dos Institutos de cultura estrangeira. Já repetidas vezes se fez notar a penúria de pessoal para acudir à actividade, mesmo moderada que fosse, destes Institutos. O aumento do número de conservadores, insistentemente solicitado, ainda não logrou satisfação, o que acarreta prejuízos de várias ordens e, o que é pior, o descrédito perante as entidades que fundaram e enriqueceram os Institutos. Urge providenciar por forma a que a Faculdade e a Universidade continuem a merecer a confiança das instituições estrangeiras que estabeleceram tais Institutos, os quais, valha a verdade, têm prestado os melhores serviços à cultura portuguesa.

Já se mencionou a brilhante intervenção desta Faculdade nas comemorações de Francisco Suarez.

Outro professor se deslocou ao Brasil para tomar parte no primeiro Congresso de História Catarinense.

Também a Faculdade esteve representada pelo seu Director e outro professor no Congresso Internacional de Geografia que se realizou em Lisboa.

Finalmente, por iniciativa e a expensas da Comissão de Obras da Cidade Universitária, percorreram várias cidades de Espanha, França, Itália, Suiça e Bélgica, dois professores da secção de Filosofia, com o fim de obter elementos para as futuras instalações e apetrechamento das secções de Psicologia e Pedagogia.

Com maior êxito do que nos anos anteriores realizou-se o XXV Curso de Férias, que, além dos alunos nacionais, contou três dúzias de estrangeiros.

Todo o programa foi integralmente cumprido, e se o Curso não teve o esplendor que os seus organizadores desejavam, especialmente para comemorar as «bodas de prata» de tão relevante iniciativa, ele serviu mais uma vez, com dignidade e brilho, a cultura portuguesa.

* * *

Luta a Faculdade de Direito com a mesma penúria de professores catedráticos que a Faculdade de Letras: embora as razões sejam diferentes, os resultados são idênticos. Acumulação de regências que prejudicam a especialização, distribuição de regências a assistentes, que se vêem em apuros para efectuar a sua preparação.

Por outro lado reconhece o corpo docente desta Faculdade a imperfeição da organização dos estudos, sendo necessário e urgente proceder a um reajustamento das matérias e à modificação do regime de exames, cada vez mais condenado pedagógicamente. A Faculdade empenha-se em estudar essas imperfeições, recebendo sugestões dos professores para as apresentar ao Governo.

Em vários certames e manifestações culturais esteve a Faculdade representada. Nas comemorações suarezianas um professor desta Faculdade foi o organizador da representação da Universidade de Coimbra, tendo acompanhado a peregrinação através das Universidades espanholas, e outro apresentou

uma notável comunicação sobre «O vivo e o morto em Suarez Jurista». Este mesmo professor realizou na cidade de Roma uma conferência sobre «Italia e Portogallo nel settecento».

Também, como já se disse, o Senhor Vice-Reitor representou a Universidade de Coimbra nas solenidades suarezianas desenroladas em Espanha, e tomou parte no Congresso Internacional de Ciências Administrativas.

A reunião de professores portugueses e espanhóis de Direito Administrativo que se realizou em Madrid, teve a representação da Faculdade de Direito de Coimbra.

Realizou-se uma semana cultural portuguesa na Universidade de Santiago de Compostela, tendo o Senhor Director da Faculdade de Direito pronunciado ali uma conferência sobre «Criminosos passionais e fins das penas».

O mesmo Professor proferiu uma brilhante conferência no Curso de Férias da Faculdade de Medicina, dirigiu uma visita de estudo dos alunos do 5.º ano a diversos estabelecimentos penitenciários de Coimbra, Leiria, Alcoentre e Lisboa, e tomou parte, como delegado especial do nosso País, na sessão da «Commission Internationale Pénale et Pénitentiaire», realizada em Berna, tendo sido nomeado relator geral acerca do *tratamento dos delinquentes habituais* para o Congresso Internacional de 1950, que há-de realizar-se na Holanda.

Mais de duas dúzias de trabalhos publicados atestam a actividade do corpo docente desta Faculdade que, a despeito dos absorventes deveres pedagógicos, ainda consegue realizar obra de investigação.

Mas seja-me permitido render especialmente as minhas homenagens ao Senhor Professor Doutor José Alberto dos Reis, que continua a manifestar pela sua Faculdade e pela Universidade o mesmo acrisolado amor que lhes dedicou durante toda a vida em que esteve ao serviço — amor traduzido em trabalho fecundo e prestigiante: nove dos trabalhos a que me referi são da sua autoria.

* * *

Teve a Faculdade de Medicina a satisfação de ver concedida, mercê do interesse do nosso Excelentíssimo Ministro, a verba especial de 50.000$00 para acudir ao Museu de Anatomia

Patológica, um dos melhores da Europa, mas que, por falta de verba para a sua manutenção, esteve em sério risco de deterioração de algumas das suas mais valiosas peças.

A par desta satisfação, a Faculdade lamenta que não tenham sido atendidas solicitações repetidas e instantes, que é de toda a justiça atender. A escassez das dotações orçamentais não permite aos diversos serviços senão uma vida fruste, em que os próprios deveres pedagógicos são prejudicados. A carência de pessoal, com a saída, por força das disposições legais, de vários assistentes, a inexistência dos chefes de trabalhos práticos e de clínicas, já previstos na lei mas nunca dotados, tornam as funções do pessoal existente por tal forma absorventes que o ensino não pode deixar de ressentir-se.

Fez a Faculdade o pedido duma verba especial de 980.000$00 para reapetrechamento de alguns laboratórios, tudo devida e honestamente justificado. Não foi infelizmente satisfeita tal aspiração.

Pela circular a que já se fez referência, ficou a Faculdade, aliás como todos os outros serviços, na impossibilidade de utilizar mesmo os saldos das dotações existentes; e, o que é pior, por um despacho ulterior suprimiu-se também a possibilidade de utilizar a verba de «Publicidade e Propaganda» da mesma Faculdade. A Universidade reagiu contra o tratamento desigual aplicado à sua Faculdade de Medicina, que, posso afirmá-lo com inteira verdade, não merece tal injustiça, qualquer que seja o aspecto por que se encare o problema.

Tenho toda a esperança em que se dê remédio a tal estado de coisas, e por mim, aqui o declaro, não aceitarei solução que diminua a Faculdade a que me honro de pertencer.

Com as dificuldades de que apenas dou ligeiros aspectos, publicaram-se mais de noventa trabalhos nas «Folia Anatomica», «Arquivo de Anatomia Patológica», «Arquivo do Instituto de Patologia Geral», «Arquivo de Farmacologia e Terapêutica Experimental», «Boletim de Climatologia e Hidrologia», «Revista de Obstetrícia, Ginecologia e Cirurgia», «Coimbra Médica», e ainda em algumas revistas estrangeiras como a «Presse Médicale», etc..

Todas as revistas portuguesas citadas terão de cessar a sua publicação, e de uma já mesmo foi anunciado que ficava suspensa: a «Coimbra Médica».

Do desproveito que tal acontecimento representa para a Faculdade e prejuízo para o prestígio da Universidade, avalia-se um pouco pela repercussão no meio médico português, bem traduzida no editorial do «Jornal do Médico», de 1 de Outubro corrente.

Espera-se que na aplicação, já no segundo ano, do Decreto n.º 37.040, sejam corrigidos vários defeitos do actual ensino médico. Em especial a questão das épocas dos exames, que os alunos do antigo regime iam deixando cada vez mais para a época de Outubro, com grave prejuízo para o ensino.

A Faculdade manteve sempre com interesse e grande frequência as sessões médicas hospitalares, colaborando nelas professores e assistentes que trazem a público o produto das suas observações pessoais, com grande proveito para todos. Funcionaram com toda a regularidade os cursos anexos de Climatologia e Hidrologia, Curso Jurídico de Medicina Legal, Curso de Parteiras, de Tisiologia Social e de Cardiologia.

Já se reclamou no sentido de que lhe seja restabelecido o Curso de Medicina Sanitária, que pelo Decreto n.º 36.050 lhe foi suprimido.

Tal estado de coisas, lesivo simultâneamente da Faculdade e dos diplomados por Coimbra, urge ser remediado, embora com as modificações e garantias que se reconhecerem necessárias.

Foi a Faculdade representada na reunião da «Societé des Anatomistes» realizada em Lião, na reunião da Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana, em Lisboa, no Congresso de Neurologia de Paris, e teve o prazer de receber vários cientistas estrangeiros que fizeram lições e conferências, entre eles, Pierre Durel, Tansk, Jacques Pellerat, Ruiz Gijon e Gregório Marañon.

De 1 a 14 de Julho realizou-se o XII Curso de Férias, em que colaboraram todos os professores da Faculdade, um professor da Faculdade de Direito e algumas personalidades de relevo no meio médico-social, por sugestão da Direcção Geral de Saúde. Note-se que, para a realização deste Curso sem qualquer ajuda oficial, apesar de já prometida, houve que vencer resistências que nem vale a pena mencionar. O êxito foi completo, constituindo mais uma vigorosa e prestigiante manifestação de actividade científica e pedagógica da Faculdade.

* * *

A grande frequência da Faculdade de Ciências, em especial nos Cursos Preparatórios de Engenharia, continua a fazer sentir a insuficiente lotação dos laboratórios e as deficiências de apetrechamento e de pessoal.

Como aconteceu na Faculdade de Medicina, a saída de vários assistentes e a sua difícil substituição teve de levar à reunião transitória do número de aulas práticas. À parte destas dificuldades o ensino decorreu normalmente.

No princípio do ano lectivo atingiu o limite de idade o Professor Doutor Anselmo Ferraz de Carvalho. O Senado reuniu extraordinàriamente para prestar homenagem ao Professor que «durante 46 anos exerceu com superior proficiência e singular prestígio o magistério nesta Faculdade».

Foi possível preencher a vaga aberta, por concurso de provas públicas em que foi aprovado um candidato que fez a sua preparação na Faculdade de Ciências do Porto e cuja reputação científica é já notória.

Também foram providos, por concursos de provas públicas, dois lugares de Cadeiras e Cursos Anexos de Desenho.

Continua o mesmo ritmo dos trabalhos de investigação científica, publicando-se com a regularidade possível as diversas revistas de que se tem dado notícia em relatórios de anos anteriores.

Mantêm-se os centros de estudos, subsidiados pelo Instituto para a Alta Cultura, de Física, de Química e de Ciências Naturais.

As relações internacionais quase normalizadas permitiram um aumento de permutas bibliográficas, e o Instituto Botânico, em especial, pôde satisfazer cerca de 19.000 pedidos de sementes, feitos por vários países assolados pela guerra, no intuito de reconstruirem os seus jardins botânicos — facto bem curioso e significativo do valor da paz que beneficiamos e que neste pormenor, como noutros, ainda alcançou os pobres países que sofreram os horrores das devastações.

Foram concedidas verbas importantes aos Laboratórios de Química e de Física para apetrechamento e compra de revistas, que aliás só puderam parcialmente ser utilizadas.

O Museu e Laboratório de Mineralogia e Geologia adquiriu também algum material científico mediante subsídios concedidos pelo Instituto para a Alta Cultura e pelo «Fundo Sá Pinto»: assim pôde dar por concluído, ao fim de 20 anos de trabalho, um mapa de Portugal em relevo, na escala de 1/100.000, exemplar único no País.

* * *

Tem a Escola de Farmácia dificuldades iguais às dos outros serviços, escassez de dotações, deficiências de material e pessoal e exiguidade de instalações.

A sua actividade pedagógica, se bem que ressentida de todos esses inconvenientes, exerceu-se normalmente com a dedicação e espírito de sacrifício do seu pessoal docente. Quanto a actividade científica, continua esta Escola a manter os seus créditos: a publicação de 36 trabalhos de investigação atesta-o exuberantemente.

Com grande prazer posso declarar neste relatório que vi restabelecidos pelo corpo docente da Escola os cursos de extensão universitária, cuja realização por vários motivos fora suspensa.

Para honra e prestígio da Escola de Farmácia e da Universidade levaram-se a efeito com pleno êxito as Lições de interesse colonial e o Curso de Férias, que constou de 14 conferências e lições práticas.

Por falta de verba não pôde continuar a publicação o Boletim da Escola da Farmácia, e as suas relações de permuta começam já a ser afectadas. Torna-se necessária e urgente a concessão de uma verba especial para pôr em dia essa publicação.

O aumento das dotações laboratoriais, a criação de lugares de chefes de trabalhos práticos e a modificação da lei vigente, que exige a classificação de 14 valores aos alunos para poderem ingressar no curso complementar, são reclamações que julgo de toda a justiça atender dentro das possibilidades.

Assuntos Académicos

Eleitos de harmonia com as disposições dos novos Estatutos os corpos gerentes da Associação Académica, posso afirmar que a sua Direcção tem mantido com aprumo e lealdade as nobres tradições dos estudantes de Coimbra.

Da sua acção há a mencionar a actividade cultural com conferências e serões de arte, realizados no salão nobre da Faculdade de Letras, a publicação de alguns números da «Via Latina» e a colaboração prestante a todos os organismos culturais académicos.

Encontra-se já a Associação Académica instalada nos «Grilos», casa que, depois de completamente remodelada e beneficiada pela Comissão da Cidade Universitária, oferece possibilidades magníficas de instalação, embora, como se sabe, provisòriamente. Na visita que há poucos dias efectuei à nova sede pude verificar que os estudantes se encontram satisfeitos, mas que é preciso mobilar a casa, uma vez que a franciscana pobreza do que existia em S. Paulo destoa por completo da excelência dos compartimentos de que a sede dispõe. Foi-me grato verificar que, apesar de a mudança se ter efectuado há dois meses, tudo se encontra em bom estado de conservação, respeitando os frequentadores aquilo que, afinal, a eles próprios pertence.

O refeitório da Sociedade Filantrópico-Académica, que tão grandes benefícios tem prestado, ali irá funcionar também, estando a Comissão da Cidade Universitária, devidamente autorizada por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, em via de adquirir e renovar o trem de cosinha e de sala de jantar, que se encontrava muito desfalcado e em péssimo estado.

Aqui quero deixar o meu agradecimento à Direcção desta benemérita Sociedade, que tem trabalhado com dedicação e acrisolado amor pelo engrandecimento da Instituição.

Continua a desenvolver-se a assistência médica gratuita aos estudantes que dela necessitam. Contam-se por muitas centenas os que a utilizam em consultas, exames laboratoriais, radiografias, tratamentos e intervenções cirúrgicas. Louvores e agradecimentos são devidos ao Senhor Director dos Hospitais da Universidade e a todo o corpo clínico que colabora nessa obra.

O «Fundo de Auxílio ao Estudante Pobre» tem amparado muitos desprotegidos da sorte, e aqui quero consignar o agradecimento da Universidade aos beneméritos contribuintes. Não me eximo ao prazer de mencionar uma dádiva de 4 contos, que antigos estudantes de Coimbra, reunidos na cidade da Beira, no dia 27 de Maio, para celebrar condignamente a «Queima das Fitas», me enviaram.

Facto digno de relevo e que entusiasmou a massa académica foi a passagem novamente para a primeira divisão do seu grupo de honra de futebol. Os jogadores foram recebidos triunfalmente na cidade, tendo-se realizado uma sessão de boas vindas na Associação Académica, a que tive o gosto de presidir.

Distinguiu-se também com brilho a turma de basquetebol dos estudantes.

Os organismos culturais mantêm bem viva e alta a reputação da primeira academia do País. A Tuna, o Teatro e o Orfeão tiveram uma actividade notável, sendo para mencionar a excursão do Teatro às Ilhas da Madeira e Açores e a viagem a África, ainda a decorrer, do Orfeão.

A viagem do Teatro registou êxitos notabilíssimos, e de todas as terras por onde passaram e se exibiram os estudantes recebi as informações mais lisongeiras.

Não perco o ensejo de renovar o pedido, que fiz, de uma verba especial, para o Teatro dos Estudantes poder levar à cena, como contributo para as comemorações de Goethe, o «Fausto». Seria a primeira vez que em Portugal se representaria tal obra, e tenho a certeza de que o significado cultural de tal empreendimento teria a maior repercussão.

Da viagem do Orfeão chegam-me notícias as mais consoladoras, e tudo se sintetiza no telegrama que me foi endereçado pelo Senhor Governador Geral de Moçambique, Comandante Gabriel Teixeira. Diz assim: «Em nome da Colónia e meu nome pessoal na pessoa de Vossa Excelência saúdo gloriosa Universidade e endereço as mais calorosas felicitações pelo pleno sucesso constituiu visita Orfeão Académico Toda Colónia considera como mais expressiva embaixada espírito Mãe Pátria podia enviar-nos. Antigo modesto aluno dessa Universidade é com mais viva satisfação que me congratulo com sucesso Orfeão pedindo Vossa Excelência aceitar mais respeitosos cumprimentos.—Governador Geral».

Onde há um estudante de Coimbra, actual ou antigo, que não sinta verdadeiro orgulho com tais palavras?

Cidade Universitária

Outra perda inesperada atingiu a Comissão de Obras da Cidade Universitária. O Secretário, Dr. Abailardo Augusto da Costa, funcionário competente e zelosíssimo, com qualida-

des que era preciso conhecer para bem apreciar, faleceu sùbitamente nos primeiros dias de Setembro último.

Tendo a seu cargo uma grande responsabilidade, teve também sobre os ombros a ingrata e difícil missão de promover as mudanças das residências a demolir, o que lhe valeu incómodos e hostilidades, compreensíveis, mas injustas. Aqui lhe rendo a minha sincera e comovida homenagem.

Com a possibilidade de instalação nos novos bairros do Calhabé e da Porcelana, foram deslocados numerosas moradores da Alta por forma a ser possível activar as demolições.

Concedemos que é desolador o aspecto que a *Alta* apresenta, mas consola-nos olhar para o novo e imponente edifício da Faculdade de Letras: quem, ao contemplá-lo, poderá ainda ter saudades da Rua das Cosinhas?

A exposição em Coimbra da excelente maquete da Cidade Universitária convenceu felizmente muitos críticos, mas é deplorável que haja ainda muita gente que a não conhece.

Com as novas instalações da Secretaria, Tesouraria e Arquivo encontra-se livre o espaço destinado à Faculdade de Direito, e em breve vão começar os arranjos indispensáveis para a sua instalação definitiva.

A nova Faculdade de Letras vai em bom estado de adiantamento, sendo de prever e de desejar que no próximo ano lectivo de 1950-51 se possa efectuar a respectiva mudança.

Para libertar completamente o espaço destinado à Faculdade de Medicina só falta demolir o edifício onde esteve instalado o Museu e Instituto de Antropologia, que está a terminar a mudança para S. Bento. Esta nova instalação pretende a Faculdade de Ciências se torne definitiva e esse desejo já a Comissão o transmitiu ao Governo.

Logo que a demolição de S. Boaventura esteja terminada e o terreno regularizado, empreitada já adjudicada, começará a construção da Faculdade de Medicina, cujos planos estão completos e revistos.

Em estado de grande adiantamento se encontram também o novo Observatório Astronómico e as obras do Instituto Botânico. Um e outro constituirão departamentos modelares, que podem sofrer o confronto com o que de melhor existe na Europa.

A adaptação de alguns pavilhões do chamado Manicómio Sena para a instalação das clínicas de Moléstias Infecciosas

e outras, continua com bom ritmo. Entra agora em estudo o problema hospitalar da Faculdade de Medicina, que se apresenta na verdade de difícil solução, mas estudos preliminares, devidos ao arquitecto Diestel, parece conseguirem uma solução satisfatória.

Como várias obras de estatuária para a necessária ornamentação de edifícios e arruamentos se encontram terminadas ou em via de acabamento, começaram a abrir-se as fundações para a estátua de D. João III a erguer no Pátio da Universidade. As escavações efectuadas trouxeram aos arqueólogos algumas surpresas, e uma delas, verdadeiramente simbólica, foi o achado de uma moeda, muito gasta mas indiscutìvelmente identificada, de D. João III.

Eis a traços muito largos esboçado o estado desta Obra que «só por si dará a Coimbra um lugar excepcional entre todas as Universidades do Mundo», como disse Salazar.

II

ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA

(Proferida em 17 de Outubro de 1949
pelo Doutor Luís Cabral de Moncada)

O PROBLEMA DO DIREITO NATURAL NO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

EXCELENCIA', SR. MINISTRO,
MAGNÍFICO REITOR E SAPIENTÍSSIMOS DOUTORES,
SENHORAS E SENHORES.

Em conformidade com uma secular tradição que vem dos velhos *Estatutos*, cabe, desta vez, à Faculdade de Direito o encargo de inaugurar com uma *Oração de Sapiência* o novo ano lectivo que hoje começa, e incumbe-me a mim o honroso, embora penoso, dever de tomar sobre os meus ombros esse encargo. Procurarei desempenhar-me dele fazendo ouvir aqui, através da minha insignificante voz, algo das preocupações de certa consciência, filosófica e científica, do nosso tempo, no campo da ciência que cultivo.

E na verdade, Senhores, creio nunca ter sido outro o espírito dessas leis e costumes de outrora, ao preceituarem que todos os anos, no início dos trabalhos escolares, um professor desta Universidade deveria fazer o «elogio da ciência» e, portanto, expor perante os seus colegas das diferentes Faculdades e perante os estudantes um pouco do estado actual daquela que ele cultiva, a fim de todos se poderem orientar melhor diante do panorama dos seus mais recentes progressos, e bem assim saberem o que será porventura lícito esperar dos seus mais próximos avanços.

Um pouco, pois, de exame de consciência e de balanço feito dos resultados das mais recentes investigações, da meditação e do estudo, no campo do direito filosófico; alguma coisa também de programático para as novas campanhas do espírito nesse domínio, em busca da verdade; e não pouco ainda daquela fé, própria de todos os que sinceramente amam a ciência a que se dedicaram — indispensável incentivo e estímulo para crer na possibilidade do seu futuro progresso — eis aí o fim que me propus e os sentimentos de que me deixei possuir, ao traçar as breves considerações que vou ter a honra de vos ler.

* * *

Escolhi para tema dessas considerações precisamente o problema central dominante, o mais alto e o mais grave, de todo o pensamento filosófico sobre as coisas do direito e do Estado, desde que os homens conscientemente passaram a ocupar-se delas, desde a Grécia, desde há bons dois mil e quinhentos anos: — o problema aliás sempre impròpriamente chamado do *Direito Natural.*

O núcleo ou fundo último deste problema reside, sabido é, numa questão idêntica ou paralela àquela que se põe para a Filosofia geral nos seus capítulos da Crítica do conhecimento, da Ontologia e da Metafísica: saber se, de facto, alguma coisa há para lá dos *fenómenos*, e se essa alguma coisa poderá ser apreendida pelo espírito humano com certa significação de uma absoluta objectividade, como independente do sujeito cognoscente. Dito de outra maneira: saber se para lá do mundo do sensível existe um outro mundo de que o primeiro será porventura a cópia. E esta magna questão que, no capítulo da Crítica, dá o problema da valia do conhecimento, no da Ontologia o da essência dum mundo real, fora de nós, e no da Metafísica o probiema do Absoluto, dá, por sua vez, com todos estes mesmos matizes gnoseológicos, ontológicos e metafísicos, quando transportada para o campo da problemática da actividade livre do homem individual e social, o problema do modelo transcendente das suas acções, ou seja, o problema da *Ética* e do *Direito Natural.* Chama-se, porém, a isto hoje, na mais moderna terminologia filosófica, um capítulo também, embora o mais grave, da *Axiologia* ou *Filosofia dos Valores.* Trata-se, em

suma, de saber se, para além de todas as opiniões e valorações que cada homem, cada povo e cada época representam e tentam impor aos outros, há ainda, de facto, alguma coisa de em si mesmo verdadeiro e justo, com uma geral e universal validade para todos os homens, todos os povos e todas as épocas; se para além do direito escrito, feito por estes, há ainda lugar para aquele «divino direito» que, no dizer de SÓFOCLES, na *Antigone*, «não é de hoje nem de ontem, mas é de todos os tempos e não foi inventado pelos humanos».

Efectivamente, ninguém o ignora, foram os gregos quem primeiro pôs esta questão a qual, desde esse momento, nunca mais deixou de acompanhar a história do pensamento ocidental. E se a quisermos formular em termos de rigorosa modernidade, então ela perfilar-se-á assim triplamente para nós, como já insinuei: ¿haverá também aqui um mundo axiológico externo de valores e de normas, transcendendo o sujeito e independente dele? ¿Poderemos nós conhecer esse mundo, caso ele exista? ¿Terá ele também para nós qualquer significação de uma absoluta e universal validade?

Como acontece, porém, com todos os mais altos e permanentes problemas humanos, há aqui igualmente que distinguir entre o próprio problema em si mesmo, no seu núcleo de mais profunda significação teorética, e as diferentes soluções que lhe têm sido dadas através das mais variadas situações históricas: — entre a interrogação que abre o problema, e é eterna, e as respostas oferecidas, todas mais ou menos contingentes, histórica e socialmente condicionadas. Por outras palavras: há que distinguir entre o problema filosófico do Direito natural, que acabo de delinear, e os diferentes *jusnaturalismos* ou doutrinas que na história da cultura europeia o têm tentado resolver.

Nas considerações que vão seguir-se, no decurso da minha lição, farei, em primeiro lugar, uma rápida referência a essas diferentes doutrinas ou *jusnaturalismos*, como uma espécie de história do problema e das suas soluções, e tentarei depois mostrar como este, sem perda de nenhum dos elementos da sua dignidade teorética, é hoje visto e de novo formulado à luz não só de certos sectores do mais recente pensamento filosófico como, inclusivamente, de não poucas perspectivas e tentadoras sugestões que à Filosofia e à Metafísica fornecem algumas ciências do nosso tempo.

Posta a questão nestes termos, excusado me será, enaltecer a excepcional importância do significado que ela hoje assume de novo, independentemente de qualquer solução dogmática que lhe demos, no elenco da temática e da problemática da moderna Filosofia do Direito.

* * *

É conhecida a primeira resposta dada pelo pensamento grego às perguntas a que acabo de me referir, ou antes, à pergunta única acerca da autonomia da esfera axiológica, moral e jurídica, em face do restante Cosmos. Essa resposta foi a dada pelo Naturalismo cosmológico dos Jónios, Eleáticos e outras escolas, seis séculos antes de Cristo: tal autonomia não existe. O homem faz parte integrante da Natureza ou φύσις, ou é ele próprio Natureza. Na sua consciência, o mundo exterior, o Universo, reflecte-se e a si mesmo se contempla como uma paisagem na superfície espelhada dum lago da Hélada. O «ser que *é*» ou o «ser que eternamente *devém*», o ser único, substância ou movimento, a tudo domina e abarca. As normas e as leis humanas do Estado, os νόμοι, não se separam ou mal se distinguem ainda da lei e ordem do Cosmos, monìsticamente reconduzido este a um único princípio, sempre mais ou menos material, como a água, o ar, o fogo, etc., nele encontrando a sua origem e fundamento. Quer dizer: nesta primeira fase do pensamento grego, o verdadeiro problema da Ética e da autonomia do espiritual não existe ainda. Na linguagem de NIETZSCHE, *Apolo* sobrepuja aí *Dionisos*. E contudo, importa não esquecer: foi ainda nesta época, no século V, que já HERÁCLITO, pela primeira vez, ensinou ser essa ordem do Cosmos, qual ritmo dum «eterno devir», o mesmo que a Razão: uma Razão que permanece sempre idêntica a si mesma, convertida em princípio universal, comum à Natureza e ao homem, a que ele chamou o *Lógos* (λόγος). Com tal pequeno desvio da Metafísica helénica, auxiliado ainda pela metafísica matemática dos Pitagóricos, ficava assim definitivamente fundado o intelectualismo metafísico e ético do mundo antigo, e bem assim do cristão e do moderno. Se a total autonomia da esfera ética com relação à φύσις não era ainda proclamada, ela ficava contudo preparada com a sujeição da φύσις a um princípio intelectua-

lístico superior dum *Lógos* imaterial. Começa aí a história do Direito natural.

Vejamos agora a segunda resposta ou atitude mental dos gregos perante o mesmo problema. Esta é a representada pelos Sofistas, também no século v. Corresponde à primeira grave crise espiritual da Grécia clássica depois das guerras pérsicas. O centro do interesse especulativo desloca-se então, pela primeira vez, do Cosmos para o homem. Discute-se se as leis humanas do indivíduo e do Estado, os νόμοι, devem considerar-se ancorados ainda num princípio objectivo superior, físico ou moral, do qual hajam de receber a origem e o fundamento, base da sua validade sem discussões. A total autonomia do ético, do político e do jurídico é então proclamada, pela vez primeira, e proclamada não só em face da φύσις como em face do *Lógos*. As leis passam a ser tidas como mera expressão fugaz dos interesses e das conveniências humanas. O homem é declarado a «medida de todas as coisas». Numa palavra: na esfera intelectual do conhecimento o cepticismo e o relativismo; na religiosa, o negativismo; na política, o contratualismo e o democratismo mais desenfreado, fazem a sua entrada triunfal na consciência dos gregos. O resultado é conhecido: foi o fim de Atenas logo depois da guerra do Peloponeso, algum tempo mais tarde seguido pelo fim da própria Grécia após as conquistas de FELIPE e ALEXANDRE. E eu poderia chamar a isto a primeira crise do *Lógos* e da ideia de um Direito natural, que acompanhou essa transição violenta do pensamento cosmológico e lógico-transcendente para a fase do pensamento antropológico dos gregos ou, como hoje se diria, dum pensar objectivo «abstracto» para a dum pensar nìmiamente subjectivo «concreto», a que na sua exaltação máxima moderna se chama hoje «existencialista».

Vejamos agora, ainda mais ràpidamente, a terceira, a quarta, e a quinta respostas também do pensamento helénico à mesma sempiterna pergunta da consciência humana, aliás sempre repetidas com ritmo quase igual na história do pensamento filosófico europeu até aos nossos dias.

A terceira, sabido é, é a de SÓCRATES, também ele um sofista mas diferente dos outros. Toda a obra deste homem foi, como se sabe, uma apologia e reivindicação da Razão: uma razão de novo considerada objectiva e universal, que o homem des-

cobre em si, se a si mesmo se conhecer suficientemente, nela se fundando, em oposição às meras opiniões, o conhecimento, a ética, a religião, o Estado, a política e o direito. SÓCRATES representa a primeira reacção, embora ainda sem projecção metafísica, contra o subjectivismo dos Sofistas. Contra ele ergueu-se o reino da «opinião», representado pela democracia ateniense, vencendo, posto que efemeramente, a multidão a elite, o instinto o intelecto, a *doxa* o *Lógos*. O sábio ambulante de Atenas foi, de certo modo, ele próprio, depois da primeira crise espiritual do Ocidente, o primeiro avatar ou encarnação dum *Lógos* que teria de morrer primeiro para sair ao fim vencedor: *victor quia victima!* Poderia falar-se já aí — porque não dizê-lo? — numa primeira redenção transcendente do homem europeu ocidental.

A quarta resposta, dão-no-la PLATÃO e ARISTÓTELES, os dois fundadores do Idealismo grego. Aquilo que SÓCRATES reinvindicara no domínio do conhecimento, da ética e da política, transportam-no eles para o plano da Metafísica. Com eles produz-se aquilo a que podemos chamar a primeira absolutização e hipostasiação do *Lógos*. O primeiro, PLATÃO, descobre o mundo das *Ideias* como o único mundo real e verdadeiro, existindo e como pairando acima e para além do mundo sensível das Formas, e fonte única de toda a objectividade do ser e do valer. O segundo, ARISTÓTELES, corrige o Idealismo do seu mestre, o Idealismo dos *dois mundos*, e, sem negar a objectividade do *Lógos*, prefere ver na unidade dos dois e na colaboração actuante da «matéria» e da «forma» a realidade única do Cosmos, abrangendo ao mesmo tempo o mundo e o homem. Com ele a Razão despe-se como que da sua excessiva transcendência platónica e passa a assumir uma acentuada nota de imanência que havia de tornar possível, algum tempo depois, o panteísmo lógico-naturalista dos Estoicos.

E são precisamente estes, os Estoicos, quem nos dá agora a quinta e última atitude do pensamento antigo ante o problema cuja história a largos traços estudou tentando resumir. Nos Estoicos refluem, com efeito, uma vez mais, todas as tradições e momentos especulativos do pensamento da Grécia antiga, depois de bafejado pelo sopro do Idealismo de HERÁCLITO, SÓCRATES, PLATÃO e ARISTÓTELES. O princípio intelectualístico do *Lógos*, não inteiramente distinto do mundo e da Natu-

reza, sem hipostasiações divinas, é considerado a alma ou *pneuma* do Universo, desdobrado em lei natural do mundo, fora de nós, e em lei moral racional em nós, na consciência do homem. Natureza e consciência deixam-se reduzir a um mesmo denominador comum que é a Razão. Viver segundo a Razão é o mesmo que viver segundo a Natureza, como viver segundo a Natureza é o mesmo que viver segundo a Razão, perante a qual todos os homens são iguais, devendo obedecer ao imperativo de uma mesma e única Lei natural e eterna. Eis aí a primeira formulação dum Direito natural de base racional, imanente na própria natureza do homem, levada a cabo pelos Estoicos e depois por estes transmitida ao Cristianismo. E eis também terminada a história deste conceito através do mundo antigo.

Antes, porém, de fechar este esboço histórico, quero ainda referir-me em duas palavras à sua história através do mundo cristão medieval e daí até aos nossos dias.

Com o Cristianismo, sabe-se, a mesma ideia do *Lógos*, nunca mais de todo apagada na consciência filosófica do Ocidente, apesar da negação dos Epicuristas e dos Cépticos da Nova-Academia, retoma a sua marcha triunfal, recebe novas definições e enriquece-se com novas correntes espirituais, desta vez essencialmente de natureza religiosa. Com a nova fé, pregada por JESUS e logo depois universalizada por S. PAULO, após as especulações de um FILON de Alexandria, esse mesmo *Lógos*, novamente hipostasiado, como em PLATÃO, não tarda em identificar-se com o Deus transcendente e pessoal do Judeo-cristianismo e em encarnar, através do mistério da Redenção, na pessoa divina do primeiro. E JESUS é então o «Verbo feito carne», de que nos fala o Quarto Evangelho, definitiva e dogmàticamente considerado a *Segunda Pessoa* do Deus Trino do Cristianismo, a partir de Nicéa, depois das longas disputas da Cristologia durante os três primeiros séculos da nossa era. Quer dizer: o *Lógos* e o Direito natural que tinham começado, na Grécia, por ser uma concepção *cosmológica*, que mais adiante se haviam dissolvido em concepções de significação puramente antropológica, e mais tarde ainda metafisicamente hipostasiado, volvem-se agora numa concepção *teológica* suprema, toda suspensa da ideia de Deus, o Deus, pessoal e criador do Cristianismo, como expressão da sua inteligência e da sua vontade divinas.

Foi assim, com esta coloração metafísico-religiosa, que tal ideia, pela segunda vez, entrou, com a força que todos sabemos, no património das ideias morais fundamentais do pensamento europeu.

E agora peço licença para dizer só mais duas palavras sobre a evolução posterior desta maneira ideia, na história desse pensamento para cá da Idade-Média.

Creio não me enganar muito se disser aqui, numa síntese rapidíssima, e por certo demasiado simples — do que peço desculpa — o seguinte: Toda essa evolução post-medieval, moderna e contemporânea, nada mais fez do que repetir a história anterior do conceito do *Lógos*. Simplesmente: fê-lo num sentido em grande parte inverso. Isto é: se vimos, no mundo antigo e no medieval, seguir-se a uma fase cosmológica, na interpretação do *Lógos*, uma fase antropológica, e a esta suceder-se uma fase teológica, sem dificuldade poderemos ver agora a uma fase teológica aguda, introduzida pelo Cristianismo e representada sobretudo pelo Tomismo e seus derivados, suceder-se, de novo, uma fase mista de cosmológico-antropológica, logo seguida por uma terceira predominantemente antropológica, a abicar, por último, numa nova Sofística. Assistimos, por outros termos, a uma coisa a que se poderia chamar uma «*desteologificação*» progressiva do Direito natural. Ou melhor ainda: este, totalmente centrado, no começo, em torno da ideia dum Deus pessoal, tende a centrar-se, cada vez mais, a partir do Renascimento, em torno duma nova concepção do Cosmos e do homem, impregnada de naturalismo panteísta e de um activismo humano quase prometaico; volta a irmanar-se depois com a Razão individual do próprio homem, entretanto ensoberbecido com os êxitos do seu pensamento científico-natural; e acaba, por fim, malograda a efémera reacção do Idealismo alemão de SCHELLING e HEGEL, por desembocar na Sofística do novo Positivismo do século XIX.

Eis aí, nas suas linhas generalíssimas, e por certo não isentas, aqui e além, de certas pequenas lacunas que não contam, aquilo a que chamei a história da ideia do *Lógos*, base e pedestal, princípio e substância, de todos as concepções do Direito natural na vida já longa do pensamento filosófico do Ocidente.

* * *

Pois bem, Meus Senhores, que tendes tido a bondade de me escutar até aqui: depois disto, eu quero agora perguntar — e a resposta à pergunta será, porventura, algo de mais interessante para vós — : ¿qual o estado actual desta magna questão? ¿Em que veio a parar, volvida quase esta primeira metade do século que estamos vivendo, depois da última Sofística do século XIX, o crédito (direi: a dignidade filosófica e o valor epistemológico) deste velho conceito dum *Lógos* ou de um Direito natural que, no dizer de SÓFOCLES, não foi inventado pelos homens nem é de hoje nem de ontem, mas sim de todos os tempos?

Se nos cingirmos, uma vez mais, à essência do conceito nos termos já expostos, a primeira coisa que desejo imediatamente dizer-vos é que esse crédito, essa dignidade e esse valor voltaram a subir, em larga medida, na cotação de fundos das ideias filosóficas do nosso tempo. É este o primeiro facto que desejo salientar. Direi mesmo: no panorama geral dessas ideias, vencida a última crise — e se exceptuarmos o seu sector neo-positiva, bem como certo Existencialismo contemporâneo mais radical — tal conceito e o problema que lhe corresponde surgem, hoje, de novo, avivados não só com a contribuição de numerosas correntes do pensamento filosófico moderno, senão também por virtude — ia eu a dizer — de um certo *tonus* ou clima espiritual proveniente dos últimos e mais recentes progressos de muitas ciências.

Vou referir-me, em primeiro lugar, a esse panorama geral da Filosofia. Direi depois duas palavras sobre as Ciências.

Quem contemplar por um momento o quadro geral do pensamento filosófico contemporâneo, não poderá deixar de se admirar sobretudo diante de certas manchas de tinta que tal quadro nos apresenta, as quais, por certo, não deixarão de desconcertar ao máximo os que o contemplarem com os olhos só afeitos às perspectivas dos fins do século anterior e dos princípios do actual, no meio das quais nós, os homens à volta dos sessenta anos, fomos nados e criados.

Entre essas manchas destacarei como *negativas* — isto é, como retoques ou emendas no quadro — de um modo geral,

as seguintes: a total bancarrota do Naturalismo e seus derivados: — o Positivismo comteano e spenceriano, o Darwinismo evolucionista, o Determinismo absoluto da Física clássica, as concepções puramente mecanicistas da vida, a clássica Psicologia experimental, a Sociologia empírica, a História mera ciência-experimental de tipo causalista-genético, e enfim toda essa *cripto-metafísica* sempre mais ou menos disfarçada sob tais atitudes mentais, como concepção geral da vida e do mundo, a que se dá hoje o nome genérico de Materialismo e Naturalismo monista, sem excluir o Positivismo jurídico. De todas estas formas de pensamento e suas efémeras construções de algum dia, nós poderíamos dizer, repetindo o verso de um gentil poeta recente: ...«*passam hirtos em lúgubre cortejo os velhos que eu amei quando era moço!*».

E eis também algumas manchas *positivas* do mesmo quadro, ou coisas novas, mais em especial, que com certeza não desconcertarão menos os «filhos» do século XIX. Está completamente renovado, por exemplo, o problema da *Crítica do conhecimento*, no sentido de uma superação, com todo o ar de definitiva, tanto das antigas posições do Realismo ingénuo como do Idealismo epistemológico extremo, tipo neo-kantiano, em favor de um certo «Realismo crítico» o qual, em que pese aos neo-positivistas, sempre julga poder aprender alguma coisa da Realidade, não obstante a indiscutível colaboração activa do espírito humano em todas as formas do conhecimento. Não só filósofos como BERGSON, SCHELER, HARTMANN e os Neo-escolásticos, mas também homens de ciência, como MAX PLANK, BROGLIE, HEISENBERG, WEIZSÄCKER e muitos outros, em colaboração com os filósofos, tem trabalhado ou trabalham nesta nova Gnoseologia. Também está hoje renovado o grande capítulo filosófico da *Ontologia*. Esta é não já directamente um ramo de Metafísica, à maneira da antiga Ontologia racional dos Escolásticos, mas uma especulação de base experimental, fecundada pela Fenomenologia, que se esforça apenas por determinar a estrutura particular dos diferentes «objectos» e das diferentes «camadas» e «regiões» da Realidade que se nos oferecem, bem como as diversas formas de pensamento e categorias mentais mais adequadas à sua respectiva exploração. E se uma dessas «camadas» é, sem dúvida, a da Matéria, (a qual aliás já hoje ninguém sabe ao certo o

que é), tal Ontologia não deixa de admitir ao lado daquela, embora sem saber do mesmo modo o que sejam: uma outra coisa chamada a Vida, uma outra chamada a Alma, e ainda uma outra chamada o Espírito e a sua História, sem tentar reduzi-las umas às outras, como outrora, mas antes respeitando as respectivas estruturas dos seus objectos, bem como as leis dos seus respectivos condicionalismos e das suas recíprocas interpenetrações. Seja-me lícito citar aqui, a este respeito, o nome entre todos ilustre dum NICOLAI HARTMANN. E bem assim, está também hoje renovada a especulação sobre os Valores ou a *Axiologia*, de que já falei, um de cujos capítulos é precisamente a Ética, e cujo estudo moderno, fundado largamente na Fenomenologia (independente tanto de qualquer Metafísica prévia como de todo o grosseiro Naturalismo do século passado), parte precisamente do reconhecimento do que há de único, de específico e de irredutível nesse «fenómeno» singular da consciência chamado o valioso, o *áxios*, e o normativo, suas respectivas estruturas, suas leis e respectivos meios de conhecimento. Poderia invocar também aqui, além dos mesmos nomes, entre os católicos, por exemplo, o do ilustre JOHANNES HESSEN, cujo livro a este respeito, a sua *Wertphilosophie*, tive o prazer de traduzir na nossa língua ainda não há muito tempo. E se depois disto tudo vos falasse ainda da própria *Metafísica*, Senhores, teria também para vos dizer, dum modo sumário, não ser a sua renovação um facto menos característico do panorama filosófico do nosso tempo. Essa renovação não consiste, porém, num sistema completo de ideias deduzidas racionalmente de um princípio único e a *priori*, como nos bons tempos da Grécia e da Escolástica, mas numa nova tentativa de construção de uma visão global do mundo, começada a erigir precisamente no ponto de convergência de todas as linhas prolongadas a partir dos diferentes sectores da nossa experiência total do mundo e da vida. É ao que se chama, hoje, não sem grave escândalo para os positivistas de todos os matizes — que eles m'o perdoem — uma «Metafísica experimental».

Eis aí, como disse há pouco, algumas manchas negativas e positivas mais salientes do quadro filosófico actual. Quero agora referir-me, também só em poucas palavras, ao panorama ou *clima* espiritual que envolve algumas ciências do nosso tempo,

em que sou hóspede, embora não sem pedir primeiro vénia aos colegas, seus ilustres representantes, que me escutam. ¿Que vemos nós aí?

Vemos, dum modo geral, em primeiro lugar, Senhores, os homens de ciência desta geração parecerem finalmente compenetrados, salvo raras excepções, de que o respectivo sector da Realidade que cada um deles cultiva, está longe de corresponder ao todo dessa mesma Realidade. E vemos, em segundo lugar, mesmo dentro de cada um desses sectores, as diversas ciências, à proporção que os seus meios de conhecimento se alargam e aprofundam, tornarem-se ao mesmo tempo mais modestas, no justo sentimento dos limites impostos pela natureza das coisas à sua febre de investigar e conhecer. Creio poder afirmar que já hoje nenhuma ciência, digna deste nome, ousa transformar os seus esquemas clássicos, mais ou menos intuitivos, próprios da sua particular visão abstracta das coisas no cantinho da realidade que explora, em esquema único para uma cosmovisão universal de valor absoluto. Pelo contrário, nas fronteiras, cada dia mais amplas, dos seus respectivos domínios, por toda a parte, as grandes ciências clássicas estão topando, por assim dizer, com novos mistérios e caindo em novas perplexidades, para esclarecer os quais todos os dias proclamam não serem já suficientes os seus antigos esquemas intuitivos de compreensão nem as suas possibilidades de experimentação e investigação. Um como que *non plus ultra* vem hoje advertir os verdadeiros sábios, a cada passo, de que começaram aí, num certo limite, a fracassar os seus métodos de experimentação e de construção racional unívoca dos dados por eles recolhidos, por a Realidade de súbito se lhes mostrar muito mais rica do que antes se supunha. Hoje, seja lícito dizer, as novas ideias de «*relatividade*», de «*indeterminação*», de «*holismo*» ou compreensão totalista, e de «*complementaridade*» dos respectivos conceitos e esquemas antagónicos (como os de «corpúsculo e onda», de «parte e todo», de «indivíduo e comunidade») parece terem-se volvido na lei permanente e como que no «*mot-d'ordre*» de todos os seus tateios e últimas conquistas no nosso tempo. Não posso entrar aqui em desenvolvimentos, mas peço licença para pronunciar neste momento, respeitosamente, os nomes de EINSTEIN, para a Matemática e Astronomia; de MAX PLANK,

BOHR, BROGLIE e HEISENBERG para a Física atómica e nuclear; de MENDEL, DRIESCH e HÜXKULL para a Biologia; de FREUD, JUNG e ADLER para a Psicologia; para não falar já na autonomia cada vez maior de conceituações e formas de pensamento conquistadas pelas chamadas Ciências do Espírito. Ninguém ignora, na verdade, que por alguns destes e outros homens de ciência nos foram recentemente restituídos, nas últimas décadas, muitos problemas que um século de Positivismo julgava ter definitivamente eliminado da sua temática, como problemas inúteis ou ilusão metafísica. Consinta-se-me citar, a título de exemplo: o da natureza e fundamentos do saber matemático, considerado por muitos mera linguagem do espírito humano e já nem sempre apta a traduzir toda a realidade dos dados da experiência, inclusive da Física; o do determinismo e indeterminismo da Matéria nesta última ciência; o da finalidade ou teleologia na vida em Biologia; o da liberdade e imortalidade da alma em Psicologia; e ainda o do «inconsciente colectivo» e do «espírito objectivo» transpessoal nas ciências da História e da Cultura humana. Além disso, nunca como hoje, desde o Renascimento, os homens de ciência pretenderam tanto elevar-se à Filosofia, nem os filósofos pretenderam tanto a colaboração dos homens de ciência. É aí que está, também no panorama das Ciências, aquele *tonus*, ou clima espiritual particular, a que aludi há pouco, que é da maior importância registar.

Se me pode ser lícito, eu diria, resumindo o meu pensamento e transcrevendo um escritor francês, o seguinte: ...«sabemos hoje, outra vez, que para além do mundo da existência há ainda um outro mundo ou reino do ser, das coisas reais e da consciência real. PLATÃO chamou-lhe mundo das *Ideias*, ARISTÓTELES do *Eidos*, os Escolásticos da *Essentia*. Depois de privado por largo tempo dos seus direitos, na época moderna, desconhecido pelo subjectivismo, tal mundo do ser voltou a reivindicar esses direitos mediante aquilo a que a Fenomenologia moderna chama o reino da essência».

* * *

Com estas últimas palavras julgo ter dito o bastante para dar o conspecto geral do pensamento contemporâneo nos seus elementos essenciais, nos domínios da Filosofia e das Ciências,

e julgo, depois disto, que já ninguém poderá estranhar a primeira afirmação que fiz, ao dizer que também a nós, filósofos do direito, nos foi igualmente restituído com toda a sua dignidade e gravidade teoréticas, o problema do Direito natural.

E na verdade, Senhores, se, como acabamos de ver,o mundo se tornou para nós mais profundo; se os seus contornos se nos revelaram, de súbito, muito mais misteriosos e os conteúdos da nossa experiência acerca dele muito mais ricos e complexos; se a Realidade se nos patenteou, de repente, muito mais apta a deixar-se explorar e compreender através de visualizações de pluralismo de que de uma sistemática e preconcebida unidade; se no arcaboiço das suas estruturas, que hoje apreendemos mercê de uma experiência mais dilatada e de meios de conhecimento mais subtis que os da simples lógica formal, vemos erguer-se, de novo, na fenomenologia da consciência e do histórico, a esfera autónoma do Ser espiritual, como um novo *Lógos* misterioso (com todas as suas dependências das restantes esferas, seus entrelaçamentos e condicionamentos, é certo, mas também com as suas leis próprias e as suas finalidades de sentido e de valor) — se isto assim é, repito, ¿que poderá ter de escandaloso o facto de o problema do Direito natural nos haver sido também restituído pela moderna Filosofia do direito?

E que assim é, aí estão a dizê-lo não só a brilhante renovação da Escolástica a que estamos assistindo, em cuja tradição o problema nunca morreu, mas inclusivamente muitas correntes idealistas do nosso tempo e, fora de qualquer Metafísica, todas as modernas especulações orientadas no sentido de uma Axiologia de valores absolutos.

* * *

E agora só me resta dizer como precisamente este grande problema, que, com vimos, nos vem desde a Grécia, e àparte o nome com que sempre tem sido designado, deve hoje ser formulado. ¿Qual a sua veste mais moderna? ¿onde o acento tónico na palavra com que de novo balbuciamos a sua interrogação?

Deixei-o já claramente indicado, mas di-lo-ei agora mais expressamente.

O problema do Direito natural deixou de ser, antes de tudo, necessàriamente, um problema metafísico, para passar a ser um problema ontológico e axiológico, de índole quase expe-

rimental. Apenas algumas palavras para explicar melhor este meu pensamento. Direi depois duas palavras mais sobre as suas relações com as Metafísicas clássicas.

Se há, com efeito, Senhores, um mundo espiritual; se há algures uma coisa chamada Espírito (e peço que ninguém me pergunte o que isso é, antes de perguntar primeiro a muitos dos meus sábios colegas aqui presentes o que eles entendem por Matéria, por Vida, por Alma!); se há uma indiscutível objectividade *sui generis* do axiológico ou valioso, como há outra da lógica, e das matemáticas, e outra ainda dos dados da experiência sensível com que trabalham as ciências, então é evidente que a primeira coisa que teremos a averiguar, nós, os jusnaturalistas de hoje, será a de saber qual a delicada estrutura desses objectos e valores a que chamamos espirituais, e quais as leis a que devemos obedecer para os ajudarmos a realizarem-se: e entre eles, acima de todos, os da Justiça e do Bem-comum no seio das sociedades humanas. Eis aí a primeira fórmula mais geral, embora extremamente vaga, sem dúvida, em que se traduz mais modernamente o problema. Poderia ainda dizer noutros termos: se isso a que se chama Espírito não é coisa que exista em si e por si, platònicamente, com total independência das outras esferas do Real que o condicionam, ¿que exigências impostas neste condicionalismo é preciso então respeitar para aquele, o Espírito, ser possível sobre a face da Terra, e que limitações e mordaças será necessário impor na auto-regência dessas outras esferas para elas o não abafarem?

Se há, na verdade, por assim dizer, um como que «direito natural» da vida em frente da matéria, para ser possível a vida; e se há também um como que «direito natural» da alma em frente da vida, para ser possível a alma; ¿que terá de estranho falar num Direito natural, pròpriamente dito, ou seja, do Espírito, em face de todas essas esferas e regiões subjacentes da Realidade, para ser possível o Espírito?

Mas se quisessemos um nome mais filosófico para esta concepção do Direito natural dentro do quadro histórico das suas diferentes interpretações metafísicas, que descrevi, então eu diria que, para sermos bem modernos, lhe deveríamos chamar não já *cosmológico*, nem *antropológico*, nem *teológico*, nem *racionalista*, mas simplesmente *axiológico*. Teriamos então um Direito natural dos valores ou axiológico. Tal concepção, note-se, não

pretende explicar coisa alguma, mas tão só definir a lei do mínimo de realização possível do Espírito, respeitadas as condições e estruturas dos diferentes seres na sua respectiva dignidade ontológica. Para crer nele, basta-lhe crer na realidade do Espiritual e na objectividade das condições necessárias para esse direito poder existir e vingar no seio das sociedades humanas. Poderia dizer-se dele aquilo que GRÓCIO disse um dia do seu direito natural racionalista: ...«seria verdadeiro e justo, mesmo que Deus não existisse» ...porque, como os números e a lógica, valeria por si mesmo. E se porventura quisesseis um exemplo do que poderá ser um preceito absoluto e eterno dum tal Direito natural, embora tão vago, nos termos em que o estou pensando, eu não hesitaria em dizer ser ele quem justamente nos ensina que, para numa sociedade civilizada ser possível o Espírito, é necessário que nessa sociedade se respeite, acima de tudo, a personalidade do indivíduo humano.

Mas acerca desta veste moderna do problema, como problema, no próprio acto de o pensarmos, não está ainda tudo dito. Acabo de chamar a este Direito natural um problema *axiológico* e disse como se devia entender isto. Refiro-me agora às relações entre ele e as Metafísicas clássicas. Também neste aspecto alguma coisa de novo há a notar.

Tão pouco este Direito natural, em harmonia com o que há pouco disse sobre a Metafísica dos nossos dias, consente em se colocar de antemão na dependência de qualquer sistema de ideias metafísicas à maneira clássica, para depois se deixar deduzir dele racionalmente e a *priori*. Não se considera a si mesmo, no início das investigações e da especulação, nem duplicado de nenhuma lei cósmica universal, como o *Lógos* de HERÁCLITO e dos Estoicos, nem participação de nenhuma Razão hipostasiada, como em PLATÃO, nem ainda necessàriamente preceito da vontade divina de nenhum Deus pessoal, como no Cristianismo.

E contudo, quero adverti-lo muito expressamente: se ele se recusa, como as Ciências se recusam, a partir, antes de tudo, de qualquer Metafísica, seja ela laica ou religiosa, também como elas, hoje, está longe de afastar ou repelir *in limine* uma tal atitude mental, ou de excluir sistemàticamente, como o fazia o Positivismo, qualquer dessas soluções. Isto, mesmo quando saiba

que, abraçando-a, corre sempre o grave risco de se deixar infiltrar por representações antropomórficas, fundadas num pensar analógico e menos adequado à realidade que explora.

Direi mesmo mais: se o moderno pensamento jusnaturalista em si mesmo considerado, não introduz uma problemática desde logo colocada no terreno das construções metafísicas, é contudo manifesto que também ele, por sua vez, aspira a uma construção de tal natureza. Julgo mesmo que os termos de qualquer solução a dar a este problema ficarão incompletos, enquanto não forem transportados para um tal terreno.

O problema do Direito Natural não é só um problema teórico de pensamento, mas também um problema prático de acção. Não interessa só a inteligência mas a vontade do homem. Ora de facto, como se sabe, o homem não conseguirá jamais ser homem, se no mais fundo das suas convicções e das suas crenças não vier a encontrar, ao cabo, uma perspectiva de absoluto, mesmo vaga que seja, qual âncora de salvação, onde firmar neste mundo a razão decisiva e o sentido derradeiro a todos os seus afãs e cuidados de ser espiritual. Isto equivale ainda a dizer que, assim como no último termo do pensamento científico contemporâneo — segundo observam BAVINK e NEUBERG — nos é afinal restituído em toda a sua grandeza o problema de Deus, do mesmo modo idêntico problema nos é também restituído hoje, ainda mais alvoroçadamente, pela moderna problemática do Direito natural. De certo, trata-se, antes de tudo, dum problema nascido da própria experiência do Espírito, mas aspirando igualmente a uma nova Metafísica e a uma nova Teodiceia. A uma nova Metafísica e a uma nova Teodiceia — disse eu. Mas, entendamo-nos: a uma nova Metafísica e Teodiceia de aspirações e estremecimentos e não, desde logo, de definições racionais *a priori* ou dogmas rígidos, no seu ponto de partida, como os dos sistemas clássicos: os das religiões positivas ou ainda os de muitas concepções naturalistas de há alguns anos atrás. Se as ciências naturais, hoje em dia, modificaram as suas relações para com a Metafísica, chegando a haver já quem fale numa «Metafísica da Física de hoje», não é de mais que a mesma modificação se tenha operado no campo das Ciências do Espírito, e que nós, os que filosofamos sobre o Direito, possamos também, tranquilamente, voltar a falar na possibilidade duma Metafísica do Direito.

Volto a dizer: igualmente neste aspecto, pois, o conceito e o problema do Direito natural acham-se hoje de acordo com as universais reclamações da consciência moderna, em procura dum novo absoluto, movendo-se nas mesmas águas que o restante movimento filosófico e científico contemporâneo. Eis aqui, uma vez mais, o seu lema: — repúdio de toda a Metafísica prévia no início do estudo e investigação; atenta observação, de olhos bem abertos, sem preconceitos, para o vasto todo da Realidade, natural ou espiritual, que explora e procura construir; e corajosa verificação, ao atingir os confins da experiência — aí onde, de repente, todos os seus esquemas e conceituações claudicam por impotentes — de que o mundo natural e espiritual, de que fazemos parte, é afinal muito mais rico e profundo de significado divino do que tudo o que até hoje tinham pensado o Materialismo e o Positivismo do século XIX.

Peço licença para citar e aplicar aqui à Filosofia do Direito um pensamento de HELMHOLTZ, reproduzido por MAX PLANK no seu *Positivismus und reale Aussenwelt:* ...«o físico moderno é semelhante a um filólogo que procura decifrar um enigmático documento, proveniente de uma remota civilização que ele desconhece. Mas aquilo que esse físico, em qualquer caso, não poderá deixar de pressupor e admitir, se quiser obter êxito, é que nesse documento se contenha imanente algum sentido racional. E também esse físico terá de pressupor e admitir que o mundo real obedece a certas misteriosas leis, embora não possa ter a esperança de jamais as compreender completamente, nem, muito menos, de poder de antemão fixar com toda a segurança a sua natureza».

O mesmo pode dizer-se da Ética, da Moral e do Direito nos seus valores eternos. Também nós, lendo o misterioso documento da consciência humana e da história, jamais poderemos decifrar-lhe de antemão a natureza nem compreender-lhe completamente a lei. E contudo há sempre que pressupor neles a face divina oculta, como de um *Lógos* imanente, e que esforçarmo-nos por a surpreender cada vez melhor.

Ora nesta *inversão de posições* perante a questão metafísica, excluída como ponto de partida e cada vez mais pressentida e almejada como ponto de chegada, embora inatingível, é que do mesmo modo se encontra um dos termos mais característicos do Jusnaturalismo moderno no seu *ethos* de aspirações essencialmente metafísicas e religiosas.

* * *

Vou terminar a minha oração.

Antes de o fazer, porém, desejo dizer ainda uma palavra, ou antes, duas, no intuito de me sangrar um pouco em saúde e de me colocar, quanto possível, ao abrigo de uma crítica fácil de adivinhar no ânimo de todos aqueles que terão tido a paciência de me escutarem.

E essa crítica constará porventura de duas perguntas que eu estou como que sentindo alguém segredar ao meu ouvido:

A primeira será: ¿mas onde está afinal o novo Direito Natural que este orador nos veio anunciar? A segunda será: ¿que será lícito esperar das considerações por ele feitas sobre este momentoso tema, em ordem a conseguirem-se quaisquer resultados práticos na solução dos inúmeros problemas humanos que sob tal rubrica se conglumeram: — os do Direito, os da Política, os do Estado?

Em resposta à primeira pergunta, direi que não foi meu propósito vir aqui dizer *o que é* o Direito Natural, nem, por conseguinte, quais os seus conteúdos valorativos e os preceitos daí deduzíveis, para ele poder exercer a sua função reguladora em face do direito positivo e histórico. Disse tão só como o problema está posto hoje na Filosofia jurídica mais recente, estranha tanto ao Positivismo como a qualquer orientação religiosa confessional. Tratei dos termos de uma Problemática e não dos de uma Dogmática. Disse *como deve pensar-se*, e não precisamente *aquilo que deve pensar-se* a tal respeito.

E como resposta à segunda pergunta, direi ainda:

Certamente, não devemos ter a ilusão de por esta maneira, posta a questão assim, sermos mais capazes de resolver um problema que milénios de especulação e de experiência humana histórica nunca até hoje foram capazes de resolver: descobrir a verdadeira natureza do Espírito e a lei invariável e exacta de todas as suas relações com o Não-espírito, a Matéria e a Vida, ou ainda o misterioso processo de auto-realização do primeiro na história das sociedades humanas. Sem dúvida, estou convencido de que esse Espírito, essa lei e esse processo guardarão sempre para nós, homens, neste mundo, o segredo da sua verdadeira face divina, inacessível à nossa inteligência, como o de todos

os restantes elementos e partes da contextura do Universo. Creio que jamais conseguiremos apreender o tipo único, paradigmático, de valor absoluto e eterno, de nenhuma instituição humana, forma de governo ou lei positiva em concreto.

E não obstante isso, Senhores, alguma coisa também de positivo e de esperançoso nos traz a este respeito a Contemporaneidade, em ordem a um esclarecimento do problema, que os séculos anteriores não conheceram.

Refiro-me, com estas palavras, a tudo o que sabemos hoje acerca do Espírito e da sua subtil Ontologia, como esfera autónoma, embora sempre condicionada, da Realidade, e que é porventura algo mais do que sabíamos ontem.

Refiro-me ao nosso conhecimento mais pleno da História, que hoje temos, desde que esta deixou de ser mera ciência empírica de relações de causalidade entre factos passados e se volveu também, com DILTHEY, numa ciência do Espírito, e, com o Existencialismo, em *historicidade*, como dimensão ao mesmo tempo temporal e eterna do homem, onde a experiência do pretérito vale tanto ou mais para nós que a do presente.

Por ela sabemos e compreendemos melhor, hoje, onde estão os limites e os pressupostos, aliás sempre os mesmos, da existência desse homem sobre a Terra, e de que não há fugir, se quisermos realizar o nosso destino humano; como sabemos e compreendemos, melhor do que nunca, que de nada vale querer eliminar problemas que não são meramente de ontem nem de hoje, mas de todos os tempos, porque são da própria essência humana.

E refiro-me, por último, à nossa muito maior riqueza que a dos antigos em meios de conhecimento e perspectivas sobre o Todo da Realidade: à maior hipersensibilidade das *antenas* com que registamos as suas *ondas herzianas*, as quais, se nos colocam diante, é certo, de um mundo mais profundo e complexo que o deles, como disse já, por outro lado nos facultam um número também muito maior de vias de acesso e de pontos de vista para a sua exploração, em harmonia com aquilo a que poderia talvez chamar um considerável alargamento do nosso «sentimento cósmico».

Estão nesse caso, creio bem, não só o nosso mais acusado sentido da historicidade do homem, de que falei, como o nosso mais vivo sentido da distinção entre a Verdade e os seus enunciados: entre o que é luz e o que são as reverberações e refle-

xos desta; entre o eterno e o histórico das situações humanas no espaço e no tempo; entre o «ôntico» e o «ontológico»; entre «essência» e «existência»; entre o «saber» e a «situação» ou a sociologia desse saber; entre o «espírito-subjectivo» e o «espírito objectivo»; entre «teorias» e «ideologias»; entre verdades parciais abstractas e verdades totais concretas; entre o valor relativo de certas visualizações científicas e metafísicas e o valor mais profundo da sua respectiva e possível «complementaridade» tão posta em relevo pela Física moderna. Numa palavra: entre o *Direito Natural* que entrevia SÓFOCLES, de que vos falei, e os *Jusnaturalismos* de todos os tempos!

Será pouco para fundarmos a esperança de podermos um dia, quem sabe se próximo, penetrar a verdadeira face da *Esfinge?*

Sem dúvida, é pouco.

Mas é alguma coisa, e sobretudo será alguma coisa já de apreciável, para no meio da desorientação da nossa época em que o Espírito jaz prostado por terra, sabermos para onde devemos volver os olhos: justamente para ele, para o Espírito, e para aquela porta augusta por onde ele sempre fez a sua aparição na história: a Personalidade humana. Será alguma coisa para sabermos a verdadeira atitude em que é mister colocarmo-nos, como intelectuais, filósofos ou homens de ciência, para lograrmos porventura merecer um dia, que talvez não venha longe, a graça da sua revelação.

Essa atitude — direi — é a da humildade na expectativa, a do amor da Verdade e do esforço constante por ela, na crença no Espírito, entoando um permanente «*veni creator*», e nunca a da sistemática negação, como a do *Mefisto* no *Fausto*, que foi o jeito filosófico do Positivismo.

Se LESSING disse um dia, antecipando-se de certo modo ao Existencialismo contemporâneo, que o esforço na luta pela Verdade pode valer mais que a Verdade, eu diria antes, como comentário a esse dito tão discutível, que tal esforço seria vão e não teria sentido, se não acreditássemos já primeiro nela.

Seja esse o nosso lema, Senhores: não o de LESSING, mas o do amor da Verdade em si mesma, que procuramos. Seja essa a nossa mais autêntica atitude espiritual no começo deste novo ano lectivo: a duma sincera prece dirigida a Deus para que Ele no-la conceda.

PESSOAL UNIVERSITÁRIO
EM 30 DE SETEMBRO DE 1950

MOVIMENTO DO PESSOAL UNIVERSITÁRIO
DE 1 DE OUTUBRO DE 1949
A 30 DE SETEMBRO DE 1950

ASSEMBLEIA GERAL
DA UNIVERSIDADE

PRESIDENTE

REITOR — Dr. Maximino José de Morais Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

VOGAIS

VICE-REITOR — Dr. José Carlos Martins Moreira, professor catedrático da Faculdade de Direito.

PROFESSORES CATEDRÁTICOS:

FACULDADE DE LETRAS

Dr. Aristides de Amorim Girão, *director da Faculdade.*
Dr. Joaquim de Carvalho.
Dr. Carlos Simões Ventura.
Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.
Dr. João da Providência Sousa e Costa.
Dr. Damião António Peres.
Dr. Joseph Maria Piel (*contratado*).
Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.
Dr. Manuel Lopes de Almeida.
Dr. Manuel de Paiva Boléu.
Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.
Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa.

FACULDADE DE DIREITO

Dr. José Beleza dos Santos, *director da Faculdade.*
Dr. Domingos Fézas Vital (1).
Dr. António de Oliveira Salazar (2).
Dr. Luís Cabral de Oliveira Moncada.

---

(1) Em comissão de serviço na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

(2) Presidente do Conselho de Ministros.

Dr. Mário de Figueiredo (1).
Dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra.
Dr. João Pinto da Costa Leite (2).
Dr. Manuel Augusto Domingues de Andrade.
Dr. Fernando Andrade Pires de Lima (3).
Dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro.
Dr. António de Arruda Férrer Correia.
Dr. Guilherme Braga da Cruz.
Dr. Afonso Rodrigues Queiró.
Dr. Eduardo Henriques da Silva Correia.

FACULDADE DE MEDICINA

Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa, *director da Faculdade.*
Dr. Álvaro de Almeida Matos.
Dr. João Emílio Raposo de Magalhães (4).
Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.
Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.
Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.
Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.
Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.
Dr. João Maria Porto.
Dr. Lúcio de Almeida.
Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.
Dr. António Meliço Silvestre.
Dr. José Augusto Correia de Oliveira.
Dr. Luís António Martins Raposo.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Dr. João Pereira da Silva Dias, *director da Faculdade.*
Dr. Diogo Pacheco de Amorim.
Dr. José Custódio de Morais.
Dr. Manuel Marques Esparteiro.
Dr. Manuel dos Reis.
Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.
Dr. Abílio Fernandes.
Dr. António Jorge Andrade de Gouveia.
Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto.
Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.
Dr. João Manuel Cotelo Neiva.
Dr. José Antunes Serra.

---

(1) Presidente da Junta Nacional da Educação.
(2) Ministro da Presidência.
(3) Ministro da Educação Nacional.
(4) Em comissão de serviço no Instituto Português de Oncologia.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS:

ESCOLA DE FARMÁCIA

L.do Guilherme de Barros e Cunha, *director da Escola.*
Dr. José Ramos Bandeira.
Dr. Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa.

REPRESENTANTES DOS PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS:

FACULDADE DE LETRAS

L.do António Augusto Rodrigues.

FACULDADE DE DIREITO (1)

FACULDADE DE MEDICINA

Dr. Armando Tavares de Sousa.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Dr. José Antunes Serra (2).

REPRESENTANTES DOS ASSISTENTES:

FACULDADE DE LETRAS

L.do Eduardo Lourenço de Faria.

FACULDADE DE DIREITO

L.do José Júlio Pizarro Beleza.

FACULDADE DE MEDICINA

Dr. António Manso da Cunha Vaz.

---

(1) Não está provido nenhum lugar de professor extraordinário.
(2) Tomou posse em 27 de Julho de 1950 do lugar de professor catedrático.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Dr. Gumersindo Sarmento da Costa Lobo.

ESCOLA DE FARMÁCIA

L.do José Baeta Cardoso do Vale.

REPRESENTANTES DOS ESTUDANTES: (1)

FACULDADE DE LETRAS

FACULDADE DE DIREITO

FACULDADE DE MEDICINA

FACULDADE DE CIÊNCIAS

ESCOLA DE FARMÁCIA

SECRETÁRIO

SECRETÁRIO DA UNIVERSIDADE — L.do António Pimentel de Sousa.

---

(1) Suspensa a representação dos estudantes por Ordem de Serviço de S. Ex.a o Ministro da Educação Nacional de 6 de Novembro de 1936.

SENADO UNIVERSITÁRIO

PRESIDENTE

REITOR — Dr. Maximino José de Morais Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

VOGAIS

VICE-REITOR — Dr. José Carlos Martins Moreira, professor catedrático da Faculdade de Direito.

DIRECTOR DA FACULDADE DE LETRAS — Dr. Aristides de Amorim Girão.

DIRECTOR DA FACULDADE DE DIREITO — Dr. José Beleza dos Santos.

DIRECTOR DA FACULDADE DE MEDICINA — Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.

DIRECTOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS — Dr. João Pereira da Silva Dias.

DIRECTOR DA ESCOLA DE FARMÁCIA — L.do Guilherme de Barros e Cunha.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE LETRAS — Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE DIREITO — Dr. Luís Cabral de Oliveira Moncada.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE MEDICINA — Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.

DELEGADO DOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS — Dr. Manuel dos Reis.

DELEGADO DOS PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS DA ESCOLA DE FARMÁCIA — Dr. José Ramos Bandeira.

REPRESENTANTE DOS PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS — Dr. Torquato Brochado de Sousa Soares, professor extraordinário da Faculdade de Letras.

REPRESENTANTE DOS ASSISTENTES DA UNIVERSIDADE — Dr. Fernando Pinto Coelho, assistente da Faculdade de Ciências (1).

REPRESENTANTE DOS ESTUDANTES (2).

SECRETÁRIO

SECRETÁRIO DA UNIVERSIDADE — L.do António Pimentel de Sousa.

---

(1) Tomou posse em 8 de Agosto de 1950 do lugar de professor extraordinário.

(2) Vide nota (1) da pág. 50.

REITORIA, SECRETARIA, TESOURARIA E GERAIS

REITORIA

Reitor

Dr. Maximino José de Morais Correia, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

Vice-Reitor

Dr. José Carlos Martins Moreira, professor catedrático da Faculdade de Direito.

SECRETARIA

Secretário

L.do António Pimentel de Sousa.

Aspirante

Álvaro Pratas do Vale.

Contínuo de 1.ª classe

Mário Rodrigues.

1.ª SECÇÃO—SERVIÇOS DE EXPEDIENTE GERAL

1.º Oficial

Alfredo Marques Manso.

2.º Oficial

Virgílio Cordeiro e Melo.

3.º Oficial

Armando António Marques Donato.

ASPIRANTE

Eduardo Augusto Pereira Gomes.

CONTÍNUO DE 2.ª CLASSE

Álvaro Borges.

2.ª SECÇÃO—SERVIÇOS DE CONTABILIDADE

1.º OFICIAL

Carlos Ribeiro Raposo.

2.º OFICIAL

António dos Reis Antunes Vaz.

3.ºs OFICIAIS

Francisco José da Silva Carvalho Reis de Sousa Seco.
Vago um lugar (1).

ASPIRANTES

Diamantino Ramos
Álvaro Costa de Almeida Santos
José Isabelino Martins Coelho

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Júlio Esteves Mascarenhas.

TESOURARIA

TESOUREIRO

Ívar Augusto Videira Pimentel Martins.

SERVENTE

António Pereira.

---

(1) Desde 22-9-1949, data da aposentação de António Arsene Antunes,

GERAIS

Guarda-mor

António Joaquim de Seiça Guedes.

ARCHEIROS

Archeiros de 1.ª classe

José Maria da Costa Guardado.
Manuel Joaquim Marques.
António da Costa Domingues.
José Ferreira Caetano.
Vago um lugar (1).

Archeiros de 2.ª classe

António Maria Correia Cardoso.
Teotónio Lourenço.
Germano Correia de Oliveira.
Manuel Coutinho Vitorino.
António dos Reis.
Augusto Neves Diogo.

Archeiros

António dos Santos Cardoso.
Vagos dois lugares (2).

Guarda

Joaquim Rodrigues.

Guarda (mulher)

Maria Emília da Encarnação.

---

(1) Desde 20-10-1949, data da aposentação de Manuel da Silva Feitor.

(2) Um desde 1-2-1945, pelo falecimento de Mário Ferreira. O outro desde 23-5-1944, pela rescisão do contrato de Silvino Teixeira da Silva.

BIBLIOTECA GERAL

Director

Dr. Manuel Lopes de Almeida.

1.º Bibliotecário

L.do César Joaquim da Silva de Oliveira Pegado.

2.º Bibliotecário

L.do Abel Lopes Martins de Almeida e Sousa.

3.os Bibliotecários

Gabriel da Cunha Santos.
Vago um lugar (1).

Aspirante

José Adelino Colaço Mendes de Vasconcelos.

Contínuo de 1.ª classe

José Maria dos Santos.

Contínuos de 2.ª classe

Luís Bastos Marques.
António Marques de Oliveira.

Guarda de 2.ª classe

Vago (2).

Servente

José Saraiva.

---

(1) Desde 10-10-1949, data da colocação da L.da Maria Luísa Forjaz de Sampaio na situação de licença ilimitada.

(2) Desde 23-7-1949, data da aposentação de Pedro dos Santos.

FACULDADE DE LETRAS

DIRECTOR

Dr. Aristides de Amorim Girão.

SECRETÁRIO

Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.

BIBLIOTECÁRIO

Vago (1).

PESSOAL DOCENTE

1.ª SECÇÃO

CIÊNCIAS FILOLÓGICAS

1.º Grupo—Filologia Clássica

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Carlos Simões Ventura.
Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (2).

2.º Grupo—Filologia Românica

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Joseph Maria Piel (*contratado*) (3).
Dr. Manuel de Paiva Boléu.
Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

---

(1) Desde 11-6-1950, termo do biénio de exercício do Dr. João da Providência Sousa e Costa.

(2) Um nunca foi provido. O outro ficou vago em 26-7-1923, pelo acesso do Dr. Carlos Simões Ventura ao lugar de professor ordinário.

(3) O último provimento efectivo deste lugar pertenceu ao Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, transferido em 13-6-1916 para o 4.º grupo.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (1).

LEITOR

Jean Girodon (*contratado*).

3.º Grupo—Filologia Germânica

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.
Dr. João da Providência Sousa e Costa.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

L.do António Augusto Rodrigues (*contratado*) (2).
Dr. Paulo Manuel Pires Quintela (*contratado*) (3).

LEITORES

Walter Kenneth Witcomb (*contratado*).
Dr. Albin Eduard Andreas Beau (*contratado*).

2.ª SECÇÃO

CIÊNCIAS HISTÓRICAS, GEOGRÁFICAS E FILOSÓFICAS

4.º Grupo—Ciências Históricas

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Damião António Peres.
Dr. Manuel Lopes de Almeida.

---

(1) Nunca tiveram provimento efectivo. Últimamente desempenharam como contratados as respectivas funções até 27-11-1949 os Drs. Manuel de Paiva Boléu e Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

(2) O último provimento efectivo deste lugar pertenceu ao Dr. Ferrand Pimentel de Almeida, que em 6-8-1925 tomou posse do lugar de professor ordinário.

(3) O último provimento efectivo deste lugar pertenceu ao Dr. João da Providência Sousa e Costa, que em 3-9-1927 tomou posse do lugar de professor catedrático.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. Torquato Brochado de Sousa Soares (*contratado*) (1).
Vago um lugar (2).

5.º Grupo—Ciências Geográficas

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Aristides de Amorim Girão.
Vago um lugar (3).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (4).

6.º Grupo—Ciências Filosóficas

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Joaquim de Carvalho.
Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa.

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (5).

3.ª SECÇÃO

CIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

7.º Grupo — Ciências Pedagógicas

PROFESSOR CATEDRÁTICO

Vago (6).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Dr. Sílvio Vieira Mendes de Lima (*contratado*) (7).

---

(1) Este lugar nunca teve provimento efectivo.

(2) Nunca teve provimento efectivo. Últimamente desempenhou como contratado as respectivas funções até 16-3-1950 o Dr. Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.

(3) Nunca foi provido.

(4) Desde 9-8-1925, data da posse do Dr. Aristides de Amorim Girão no lugar de professor ordinário.

(5) Nunca teve provimento efectivo. Últimamente desempenhou como contratado estas funções até 27-11-1949 o Dr. Arnaldo Miranda Casimiro Barbosa.

(6) Nunca foi provido.

(7) Nunca teve provimento efectico.

4.ª SECÇÃO

CADEIRAS ANEXAS

Professor de Estética e História da Arte

Dr. Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão

Professor de História da Música (1)

Vago (2).

Professor de Língua Hebraica

Vago (2).

Professor de Estudos Brasileiros

Vago (2).

* * *

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE MEDICINA ENCARREGADO, DE HARMONIA COM O ART. 6.º DO DECRETO N.º 18:793, DA REGÊNCIA DA CADEIRA DE HIGIENE ESCOLAR

Dr. António Meliço Silvestre.

*

PROFESSORES DE OUTRAS FACULDADES ENCARREGADOS PROVISÒRIAMENTE DA REGÊNCIA DE CADEIRAS OU CURSOS

Cadeira de Psicologia Experimental

Dr. José Augusto Correia de Oliveira, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

---

(1) Decreto-Lei n.º 27.277 de 24-11-1936:

«Art. 1.º Enquanto não for provido definitivamente o cargo de professor da cadeira anexa de História da Música, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, poderá o reitor contratar, mediante parecer favorável do conselho escolar daquela Faculdade, indivíduo de reconhecida competência para dirigir o Orfeão Académico e a Tuna Académica da mesma Universidade».

Nos termos deste artigo foi contratado Manuel Raposo Marques para dirigir o Orfeão Académico e a Tuna Académica.

(2) Nunca foi provido.

*

PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. Émile Planchard — professor para a regência de cadeiras de Filosofia.
Dr. Alfredo Fernandes Martins — assistente para o 5.º grupo (1).
L.do Eduardo Lourenço de Faria — assistente para o 6.º grupo.
Max Leopold Wagner—técnico de Filologia Românica.

*

CURSO DE FÉRIAS

Director—Dr. João da Providência Sousa e Costa.
Secretário—L.do Armando Soeiro Moreira de Lacerda.

*

PROFESSOR CATEDRÁTICO NA SITUAÇÃO DE LICENÇA ILIMITADA

Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira.

*
* *

PESSOAL TÉCNICO, ADMINISTRATIVO, AUXILIAR E MENOR

Director do Laboratório de Fonética Experimental

L.do Armando Soeiro Moreira de Lacerda

2.º Conservador

Plínio de Abreu e Vasconcelos.

3.os Conservadores

Francisco França Amado Júnior.
Vago um lugar (2).

---

(1) 1.º assistente.
(2) Desde 23-11-1949, data da colocação na situação de licença ilimitada do L.do Francisco da Silveira Morais.

ASPIRANTE

L.do Carlos Ferreira Pimentel.

BEDEL

José da Cruz e Silva.

CONTÍNUOS DE 1.ª CLASSE

João de Melo.
Francisco Carlos de Paiva.
Vago um lugar (1).

CONTÍNUOS DE 2.ª CLASSE

Reinaldo Varela de Carvalho.
Manuel Ferreira Góis.

GUARDA

Manuel Pereira dos Santos.

---

(1) Desde 17-9-1949, data do falecimento de Manuel Luís de Oliveira Peça.

ESTABELECIMENTOS DA FACULDADE DE LETRAS

INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

(Instituto de investigação científica)

DIRECTOR

Dr. Damião António Peres.

INSTITUTO ALEMÃO

DIRECTOR

Dr. João da Providência Sousa e Costa.

SECRETÁRIO

Dr. Albin Eduard Andreas Beau.

INSTITUTO FRANCÊS

DIRECTOR

Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

SECRETÁRIO

Jean Girodon.

INSTITUTO INGLÊS

DIRECTOR

Dr. Ferrand Pimentel de Almeida.

SECRETÁRIO

Walter Kenneth Witcomb.

SALA ITALIANA

DIRECTOR

Dr. Manuel de Paiva Boléu.

SALA ESPANHOLA

DIRECTOR

Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

INSTITUTO BRASILEIRO

DIRECTOR

Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

DIRECTOR

Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

DIRECTOR

Dr. Aristides de Amorim Girão.

INSTITUTO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

DIRECTOR

Dr. Joaquim de Carvalho.

LABORATÓRIO DE PSÌCOLOGIA EXPERIMENTAL

DIRECTOR

Dr. Joaquim de Carvalho.

LABORATÓRIO DE FONÉTICA EXPERIMENTAL

DIRECTOR

L.do Armando Soeiro Moreira de Lacerda.

ESTABELECIMENTO ANEXO À FACULDADE DE LETRAS

ARQUIVO E MUSEU DE ARTE

Director

Dr. Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.

1.º Conservador

António Gomes da Rocha Madaíl.

2.º Conservador

Vago (1).

3.os Conservadores

L.da Maria Lígia Patoilo Cruz.
L.do António Cerqueira Ferraz Correia.

Aspirante

Mário António do Amaral Simões.

Dactilógrafo

Guilherme Flóreo dos Santos Bernardino.

Contínuo de 1.ª classe

António Augusto Martins.

Contínuos de 2.ª classe

América Rolin Correia.
Alexandre Vítor.
Aires Moreira.

Serventes

Joaquim Jorge da Silva.
Maria Manuela da Silva Paiva.
António Lopes Letra.
Augusto Gomes da Fonseca.

Guarda

Margarida da Silva Oliveira.

---

(1) Nunca foi provido.

FACULDADE DE DIREITO

DIRECTOR

Dr. José Beleza dos Santos.

SECRETÁRIO

Vago (1).

BIBLIOTECÁRIO

Vago (2).

PESSOAL DOCENTE

1.º GRUPO

CIÊNCIAS HISTÓRICAS

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Luís Cabral de Oliveira Moncada.
Dr. Guilherme Braga da Cruz.
Vago um lugar (3).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (4).

2.º GRUPO

CIÊNCIAS ECONÓMICAS

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. António de Oliveira Salazar (5).

---

(1) Desde 8-10-1949, termo do biénio de exercício do Dr. Manuel Augusto Domingues de Andrade.

(2) Desde 30-9-1949, termo do biénio de exercício do Dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro.

(3) Desde 2-6-1948, data da posse do Dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra no lugar de professor catedrático do 4.º grupo.

(4) Desde 10-8-1948, data da posse do Dr. Guilherme Braga da Cruz no lugar de professor catedrático.

(5) Vid. nota (2) da pág. 47.

Dr. João Pinto da Costa Leite (1).
Dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro.

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

3.º GRUPO

CIÊNCIAS POLÍTICAS

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Domingos Fézas Vital (3).
Dr. José Carlos Martins Moreira.
Dr. Afonso Rodrigues Queiró.
Vago um lugar (4).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (5).

4.º GRUPO

CIÊNCIAS JURÍDICAS

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. José Beleza dos Santos.
Dr. Mário de Figueiredo (6).
Dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra.
Dr. Manuel Augusto Domingues de Andrade.
Dr. Fernando Andrade Pires de Lima (7).
Dr. António de Arruda Férrer Correia.
Dr. Eduardo Henriques da Silva Correia.
Vagos dois lugares (8).

---

(1) Vid. nota (2) da pág. 48.
(2) Nunca foi provido.
(3) Vid. nota (1) da pág. 47.
(4) Desde 9-12-1922, data da aposentação do Dr. António Lopes Guimarães Pedrosa.
(5) Desde 10-8-1948, data da posse do Dr. Afonso Rodrigues Queiró no lugar de professor catedrático.
(6) Vid. nota (1) da pág. 48.
(7) Vid. nota (3) da pág. 48.
(8) Um desde 20-12-1930, data do falecimento do Dr. António José Teixeira de Abreu. O outro desde 27-7-1948, data da aposentação do Dr. José Alberto dos Reis.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (1).

* * *

PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. João de Matos Antunes Varela, *assistente para o 4.º grupo* (2).
L.do José Júlio Pizarro Beleza, *assistente para o 2.º grupo.*
L.do José João Gonçalves de Proença, *assistente para o 4.º grupo.*
L.do Francisco Manuel Pereira Coelho, *assistente para o 4.º grupo.*
L.do Rogério Guilherme Ehrhardt Soares, *assistente para o 3.º grupo.*
L.do João Ruiz de Almeida Garrett, *assistente para o 2.º grupo.*
L.do Orlando Alves Pereira de Carvalho, *assistente para o 4.º grupo.*

*

PROFESSORES CATEDRÁTICOS APOSENTADOS

Dr. Álvaro da Costa Machado Vilela.
Dr. José Alberto dos Reis.

* * *

PESSOAL AUXILIAR E MENOR

BEDEL

Armando da Costa Borges.

CONTÍNUO DE 1.A CLASSE

Manuel Nobre.

---

(1) Desde 10-8-1948, data das posses dos Drs. António de Arruda Férrer Correia e Eduardo Henriques da Silva Correia nos lugares de professores catedráticos.

(2) 1.º Assistente.

ESTABELECIMENTO
DA FACULDADE DE DIREITO

INSTITUTO JURÍDICO

Secretário

Vago (1).

2.º Conservador

L.do António Caetano da Luz Carvalho (2).

Catalogadores

Mário de Moura Vieira.
Mário da Silva e Sousa.

Contínuo de 1.ª classe

Emílio Santiago.

Contínuo de 2.ª classe

João Custódio dos Santos.

---

(1) Desde 22-4-1947, data da aposentação de José da Cruz.
(2) Provimento interino.

FACULDADE DE MEDICINA

Director

Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.

Secretário

Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo

Bibliotecário

Vago (1).

PESSOAL DOCENTE

1.º GRUPO

Professores catedráticos

Anatomia descritiva — Dr. Maximino José de Morais Correia.
Histologia Geral e Especial e Embriologia — Vago (2).

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. Armando Tavares de Sousa.
Vago um lugar (3).

Assistentes

Anatomia Descritiva — L.do Herménio Cardoso Inácio.
Histologia — L.do Fernando José Machuca Leite Pereira de Seabra da Veiga Magalhães.

---

(1) Desde 27-6-1949, termo do biénio de exercício do Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.

(2) Desde 23-8-1941, data do falecimento do Dr. Geraldino da Silva Baltazar Brites.

(3) Desde 26-8-1927, data da posse do Dr. Maximino José de Morais Correia no lugar de professor catedrático.

2.º GRUPO

Professores catedráticos

Fisiologia Geral e Especial — Vago (1).
Farmacologia — Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.

Professores extraordinários

Dr. João de Oliveira e Silva.
Vago um lugar (2).

Assistentes

Fisiologia — L.do Carlos Alberto Alvim Dias e Costa.
Farmacologia — Dr. João José Lobato Guimarães (3).

3.º GRUPO

Professor catedrático

Patologia Geral — Vago (4).

Professor extraordinário

Vago (2).

Assistentes

Patologia Geral — L.do Renato de Azevedo Correia Trincão.
Anatomia Patológica Geral e Especial — L.do Miguel Marques da Fonseca Barata.

4.º GRUPO

Professor catedrático

Medicina Legal — Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.

Professor extraordinário

Vago (5).

---

(1) Desde 26-3-1945, data da aposentação do Dr. João Duarte de Oliveira.
(2) Nunca foi provido.
(3) 1.º assistente.
(4) Desde 8-12-1942, data do falecimento do Dr. João Marques dos Santos.
(5) Desde 21-4-1942, data do falecimento do Dr. Alberto Cupertino Pessoa.

ASSISTENTE

Medicina Legal — Dr. Luís Augusto Duarte Santos (1).

5.º GRUPO

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Bacteriologia e Parasitologia — Vago (2).
Higiene — Dr. António Meliço Silvestre.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Vagos dois lugares (3).

ASSISTENTES

Bacteriologia e Parasitologia — Dr. Henrique de Oliveira (1).
Higiene — Dr. Francisco António Gonçalves Ferreira (1).

6.º GRUPO

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Propedêutica Médica — Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.
Patologia Médica — Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.
Clínica Médica — Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.
Terapêutica Médica Clínica — Dr. João Maria Porto.
Pediatria — Dr. Lúcio de Almeida.

PROFESSORES EXTRAORDINÁRIOS

Dr. Manuel Joaquim Bruno da Costa (*contratado*) (4).
Dr. Mário Simões Trincão (*contratado*) (5).

---

(1) 1.º assistente.

(2) Desde 13-11-1945, data do falecimento do Dr. Afonso Augusto Pinto Ponce de Leão.

(3) Um desde 12-8-1931, data da posse do Dr. Afonso Augusto Pinto Ponce de Leão no lugar de professor catedrático. O outro desde 7-4-1941, data da posse do Dr. António Meliço Silvestre no lugar de professor catedrático.

(4) (5) Os últimos provimentos efectivos destes lugares pertenceram aos Drs. Lúcio de Almeida e Augusto Pais da Silva Vaz Serra, que em 17-6-1942 tomaram posse dos lugares de professores catedráticos.

Assistentes

Propedêutica Médica — L.do José de Gouveia Monteiro.

Patologia Médica { Dr. Manuel dos Santos Silva (1) (2).
L.do Mário Eduardo Tavares de Sousa.

Clínica Médica { L.do Manuel Miranda Ramos Lopes.
Vago um lugar (3).

Terapêutica Médica Clínica — Dr. Joaquim Antunes de Azevedo (1).

Pediatria — L.do Justino Girão.

7.º GRUPO

Professores catedráticos

Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica — Dr. João Emílio Raposo de Magalhães (4).

Patologia Cirúrgica Geral e Especial — Dr. Luís António Martins Raposo.

Clínica Cirúrgica — Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

Professores extraordinários

Dr. Luís Augusto de Morais Zamith.

Dr. José Bacalhau.

Vago um lugar (5).

Assistentes

Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica — L.do Luís Fernandes Dantas.

Patologia Cirúrgica Geral e Especial { L.do Anísio Ferreira de Andrade.
Vagos dois lugares. (6).

Clínica Cirúrgica — Vagos dois lugares (7).

---

(1) 1.º assistente.

(2) Em comissão de serviço no Hospital Colónia Rovisco Pais.

(3) Desde 13-7-1949, termo do contrato do L.do José Monteiro Lopes do Espírito Santo.

(4) Vid. nota (4) da pág. 48.

(5) Nunca teve provimento efectivo. Últimamente desempenhou como contratado estas funções até 13-7-1950 o Dr. António Nunes da Costa.

(6) Um desde 2-3-1949, termo do contrato do L.do Francisco Mendes Pimentel. O outro desde 6-5-1949, termo do contrato do L.do Alexandre da Silva.

(7) Desde 14-4-1949, termo dos contratos dos L.dos José Dinis Vieira e Manuel Montezuma Diniz de Carvalho.

8.º GRUPO

Professores catedráticos

Obstetrícia — Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.
Ginecologia— Dr. Álvaro de Almeida Matos.

Professor extraordinário

Vago (1).

Assistentes

Obstetrícia — Vagos dois lugares (2).
Ginecologia — L.do João Martinho Moreno Pinheiro.

9.º GRUPO

Professores catedráticos

Psiquiatria — Dr. José Augusto Correia de Oliveira.
Neurologia — Vago (3).

Professor extraordinário

Vago (4).

Assistente

Psiquiatria
Neurologia } L.do António Henrique de Elias Nunes Vicente.

* * *

PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. Michel Mosinger, *professor para a regência da cadeira de Anatomia Patológica Geral e Especial.*

Dr. António Manso da Cunha Vaz, *assistente para o 7.º grupo* (5).

---

(1) Desde 23-4-1945, data da posse do Dr. Luís António Martins Raposo no lugar de professor catedrático.

(2) Um desde 20-2-1949, termo do contrato do L.do Albertino da Costa Barros. O outro desde 30-3-1949, termo do contrato do L.do Francisco Manuel Santos de Ibérico Nogueira.

(3) Desde 15-7-1948, data da posse do Dr. José Augusto Correia de Oliveira no lugar de professor catedrático de Psiquiatria.

(4) Desde 9-2-1945, data da posse do Dr. José Augusto Correia de Oliveira no lugar de professor catedrático.

(5) 1.º assistente.

L.do Armando Antémio Machado Simões de Carvalho, *assistente para o 1.º grupo.*

L.do Leovigildo dos Santos Albuquerque, *assistente para o 5.º grupo.*

*

PROFESSORES CATEDRÁTICOS APOSENTADOS

Dr. Elísio de Azevedo e Moura.

* * *

PESSOAL TÉCNICO, AUXILIAR E MENOR

CHEFES DE SERVIÇOS

L.do Alberto Silvano de Moura e Sá (1).
L.do José Dias Serra Pratas (2).

2.º CONSERVADOR

Hermano Ribeiro Arrobas (3).

ANALISTAS

L.da Maria Ernestina Freire Falcão Nunes Garcia (4).
José da Silva Lopes Júnior (4).

PREPARADOR-CONSERVADOR

Dr. (*) Elísio Gonçalves Rama (5).

PREPARADORES

L.do Fausto Mendes Ferreira Pimentel (6).
Álvaro de Almeida Santos (7).

---

(1) Em serviço no Laboratório de Microbiologia.
(2) Idem no Laboratório de Química Biológica e Físico-Química.
(3) Idem na Biblioteca da Faculdade.
(4) Idem no Laboratório de Microbiologia.
(5) Idem no Laboratório de Anatomia.
(6) Idem no Laboratório de Medicina Operatória.
(7) Idem no Instituto de Patologia Geral.
(*) Título profissional.

Benjamim Marques dos Santos (1).
Manuel José Pereira Roque (2).

Ajudante de preparador

José Martins Chorão Vinhas (3).

Catalogador

Guida Salomé Videira Martins (4).

Bedel

Álvaro Ferreira da Silva.

Fotógrafo (5)

Vago (6).

Contínuos de 1.ª classe

Albino Cardoso (7).
Ismael Teixeira de Sá (8).
Raul de Carvalho (9).
Fernando da Cunha Rocha (10).
António Francisco (11).
Vago um lugar (12).

Contínuos de 2.ª classe

Celestino Carvalheira (13).
Raúl de Oliveira (14).

---

(1) Em serviço no Laboratório de Microbiologia.
(2) Idem no Instituto de Fisiologia e Química Fisiológica.
(3) Idem no Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental.
(4) Idem no Instituto de Histologia e Embriologia.
(5) Adstrito ao Instituto de Histologia e Embriologia.
(6) Desde 1-5-945, data da colocação na situação de licença ilimitada de Maria Hermínia dos Santos Viegas de Seabra.
(7) Em serviço no Instituto de Fisiologia e Química Fisiológica.
(8) Idem no Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental.
(9) Idem no Instituto de Higiene.
(10) Idem na Biblioteca da Faculdade.
(11) Idem no Laboratório de Anatomia.
(12) Adstrito ao Laboratório de Anatomia. Vago desde 23-12-1949, data da aposentação de José Fernandes Costa.
(13) Em serviço no Laboratório de Microbiologia.
(14) Idem no Laboratório de Medicina Operatória.

Augusto Lopes (1).
Manuel Girão Torres Plácido (2).
Vago um lugar (3).

---

(1) Em serviço no Laboratório de Anatomia.
(2) Idem no Instituto de Histologia e Embriologia.
(3) Adstrito ao Instituto de Anatomia Patológica. Vago desde 21-6-1949, data da demissão de Afonso Alves Braga.

ESTABELECIMENTOS DA FACULDADE DE MEDICINA

LABORATÓRIO DE ANATOMIA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Anatomia Descritiva, Dr. Maximino José de Morais Correia.

INSTITUTO DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA

(Instituto de investigação científica)

DIRECTOR

Dr. Lúcio de Almeida (1).

INSTITUTO DE FISIOLOGIA E QUÍMICA FISIOLÓGICA

DIRECTOR

Dr. Lúcio de Almeida.

LABORATÓRIO DE MEDICINA OPERATÓRIA

DIRECTOR

O professor catedrático do 7.º grupo, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa (2).

LABORATÓRIO DE MICROBIOLOGIA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Bacteriologia e Parasitologia, Dr. António Meliço Silvestre.

---

(1) Art. 141.º, § único, do Regulamento da Faculdade.

(2) Cf. nota (4) da pág. 48 quanto ao impedimento do professor catedrático da cadeira de Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica.

INSTITUTO DE FARMACOLOGIA E TERAPÊUTICA EXPERIMENTAL

(Instituto de investigação científica)

Director

O professor catedrático da cadeira de Farmacologia, Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães (1).

INSTITUTO DE ANATOMIA PATOLÓGICA

(Instituto de investigação científica)

Director

O professor encarregado da regência da cadeira de Anatomia Patológica, Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra (1).

Preparadores

L.da Micaela Marques Proença.
L.do José de Oliveira Firmo.

Ajudante de preparador (2)

Vago (3).

Dactilógrafo (2)

Maria Manuela Tavares Rocha.

INSTITUTO DE PATOLOGIA GERAL

(Instituto de investigação científica)

Director

Dr. António Meliço Silvestre (1).

LABORATÓRIO DE RADIOLOGIA

Director

O professor catedrático da cadeira de Propedêutica Médica, Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.

---

(1) Art. 141.º, § único, do Regulamento da Faculdade.

(2) Provimento nos termos do Decreto-Lei n.º 32.687, de 20 de Fevereiro de 1943.

(3) Desde 1-7-1948, data da rescisão do contrato do L.do João Nunes Novo.

CHEFE DE SERVIÇOS

Dr. (*) António Fernandes Ramalho.

PREPARADOR

L.do Manuel Vieira de Carvalho.

MONTADOR DE MÁQUINAS

Américo Fernandes.

LABORATÓRIO DE ELECTROLOGIA

DIRECTOR

O professor catedrático encarregado da regência da cadeira de Neurologia,
Dr. José Augusto Correia de Oliveira.

CHEFE DE SERVIÇOS

L.do Alberto de Mesquita.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Delfina Dias.

LABORATÓRIO DE QUÍMICA BIOLÓGICA E FÍSICO-QUÍMICA

DIRECTOR

Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.

ANALISTA

Basílio Alves Pereira de Mesquita.

PREPARADOR

L.do Adolfo César de Mesquita.

INSTITUTO DE HIGIENE

DIRECTOR

Dr. António Meliço Silvestre.

(*) Título profissional.

Chefe de serviços

L.do José Pais Ribeiro.

Preparador

Armando Mendes Ferreira.

Aspirante

Fernando Augusto Barata Gordo.

Serventuário de 1.ª classe

Virgílio Pires da Silva.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Director

Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito (1).

Chefe de serviços

L.do Mário da Silva Mendes.

Analistas

L.do António José de Moura Bastos Júnior.
L.do Mário dos Santos Carvalho.

Preparadores

João Martins da Fonseca Viegas.
Vago um lugar (2).

Contínuo de 1.ª classe

António de Carvalho.

LABORATÓRIO DE CLÍNICA CIRÚRGICA

Director

O professor catedrático da cadeira de Clínica Cirúrgica, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

---

(1) Decreto n.º 24.570, de 18 de Outubro de 1934.
(2) Desde 3-2-1949, data do falecimento de José de Moura Vieira.

ANALISTA

L.do José Nunes da Costa.

PREPARADOR

Vago (1).

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Mário Fernandes Dias.

INSTITUTO DO RÁDIO (SECÇÃO MÉDICA)

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Ginecologia, Dr. Álvaro de Almeida Matos.

INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL (2)

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Medicina legal, Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE (3)

DIRECTOR

O professor catedrático da Faculdade de Medicina, Dr. João Maria Porto.

CLÍNICAS DA FACULDADE

CLÍNICA DE PROPEDÊUTICA MÉDICA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Propedêutica Médica, Dr. Egídio Costa Aires de Azevedo.

---

(1) Desde 9-5-1949, data da posse de José da Silva Lopes Júnior no lugar de analista da Faculdade.

(2) Regulamento da Faculdade, arts. 138.º e 139.º.

(3) Ib., art. 143.º.

CLÍNICA DE PATOLOGIA MÉDICA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Patologia Médica, Dr. Augusto Pais da Silva Vaz Serra.

CLÍNICA MÉDICA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Clínica Médica, Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.

CLÍNICA DE TERAPÊUTICA MÉDICA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Terapêutica Médica Clínica, Dr. João Maria Porto.

CLÍNICA DE MOLÉSTIAS INFECCIOSAS

DIRECTOR

O professor extraordinário encarregado da regência da cadeira de Clínica de Moléstias Infecciosas, Dr. Manuel Joaquim Bruno da Costa.

CLÍNICA DE DOENÇAS DE CRIANÇAS

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Pediatria, Dr. Lúcio de Almeida.

CLÍNICA DE DERMATOLOGIA E SIFILIGRAFIA

DIRECTOR

O professor extraordinário encarregado da regência da cadeira de Dermatologia e Sifiligrafia, Dr. Mário Simões Trincão.

CLÍNICA DE TÉCNICA CIRÚRGICA

DIRECTOR

O professor catedrático encarregado da regência da cadeira de Medicina Operatória e Técnica Cirúrgica, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

CLÍNICA DE PATOLOGIA CIRÚRGICA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Patologia Cirúrgica Geral e Especial, Dr. Luís António Martins Raposo.

CLÍNICA CIRÚRGICA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Clínica Cirúrgica, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

CLÍNICA OFTALMOLÓGICA

DIRECTOR

O 1.º assistente encarregado da regência do curso de Oftalmologia, Dr. António Manso da Cunha Vaz.

CLÍNICA UROLÓGICA

DIRECTOR

O professor extraordinário encarregado da regência do curso de Urologia, Dr. Luís Augusto de Morais Zamith.

CLÍNICA DR. DANIEL DE MATOS

(CLÍNICA OBSTÉTRICA)

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Obstetrícia, Dr. Álvaro Fernando de Novais e Sousa.

MAQUINISTA

Filipe dos Santos Pinto.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Geremim Martins.

CLÍNICA GINECOLÓGICA

DIRECTOR

O professor catedrático da cadeira de Ginecologia, Dr. Álvaro de Almeida Matos.

CLÍNICA NEUROLÓGICA

DIRECTOR

O professor catedrático encarregado da regência da cadeira de Neurologia, Dr. José Augusto Correia de Oliveira.

SERVIÇOS DE ESTOMATOLOGIA

CHEFE DE SERVIÇOS

L.do David Martins Baptista.

LABORATÓRIO DE ORTOPEDIA

CHEFE DE SERVIÇOS

L.do João Perestrelo de Alarcão e Silva.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

DIRECTOR

Dr. João Pereira da Silva Dias.

SECRETÁRIO

Vago (1).

BIBLIOTECÁRIO

Vago (2).

PESSOAL DOCENTE

1.ª SECÇÃO

CIÊNCIAS MATEMÁTICAS

1.º Grupo — Análise e Geometria

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. João Pereira da Silva Dias.
Dr. Manuel Marques Esparteiro.
Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto.

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (3).

ASSISTENTES

L.do José Joaquim Dionísio.
L.do José Bayolo Pacheco de Amorim.

---

(1) Desde 8-10-1949, termo do biénio de exercício do Dr. António Jorge Andrade de Gouveia.

(2) Desde 17-3-1942, termo do biénio de exercício do Dr. Manuel Marques Esparteiro.

(3) Desde 16-7-1948, data da posse do Dr. Luís Beda de Sousa Tavares Neto no lugar de professor catedrático.

2.º Grupo—Mecânica e Astronomia

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Diogo Pacheco de Amorim.
Dr. Manuel dos Reis.
Vago um lugar (1).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (2).

ASSISTENTES

Dr. Gumersindo Sarmento da Costa Lobo (3).
L.do Manuel Neto Murta.

2.ª SECÇÃO

CIÊNCIAS FÍSICO-QUÍMICAS

1.º Grupo—Física

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.
Vago um lugar. (4).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (5).

ASSISTENTES

L.do Luís Paulo Manuel de Meneses e Melo Vaz de Sampaio.
L.da Maria Amália de Freitas Tavares.
L.da Maria Alice Furtado Alves.

2.º Grupo—Química

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.
Dr. António Jorge Andrade de Gouveia.

---

(1) Desde 25-11-1938, data da aposentação do Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo.

(2) Desde 12-6-1929, data da exoneração do B.el José Antunes Vaz Serra.

(3) 1.º assistente. Provimento definitivo.

(4) Desde 2-4-1948, data da aposentação do Dr. Mário Augusto da Silva.

(5) Desde 1-9-1948, data da posse do Dr. João Rodrigues de Almeida Santos no lugar de professor catedrático.

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Dr. Fernando Pinto Coelho.

ASSISTENTES

B.el Américo Viana de Lemos (1).
L.do Alfredo da Purificação Gouveia.
Vago um lugar (2).

3.ª SECÇÃO

CIÊNCIAS HISTÓRICO-NATURAIS

1.º Grupo—Mineralogia e Geologia

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. José Custódio de Morais.
Dr. João Manuel Cotelo Neiva.

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (3).

ASSISTENTES

Dr. Gaspar Soares de Carvalho (4).
L.do Miguel Montenegro de Andrade.

2.º Grupo—Botânica

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. Abílio Fernandes.
Vago um lugar (5).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (6).

---

(1) Provimento definitivo.

(2) Desde 8-8-1950, data da posse do Dr. Fernando Pinto Coelho no lugar de professor extraordinário.

(3) Desde 22-3-1948, data do falecimento do B.el Miguel Marcelino Ferreira de Moura.

(4) 1.º assistente.

(5) Desde 14-6-1937, data do falecimento do Dr. Luís Wittnich Carrisso.

(6) Desde 25-6-1942, data da posse do Dr. Abílio Fernandes no lugar de professor catedrático.

ASSISTENTES

Dr. José de Barros Neves (1).
L.do Orlando Marques de Almeida Mendes.

3.º Grupo—Zoologia e Antropologia

PROFESSORES CATEDRÁTICOS

Dr. José Antunes Serra.
Vago um lugar (2).

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

Vago (3).

ASSISTENTES

Dr. Alberto Xavier da Cunha Marques (1).
L.da Maria Carlota Aranda Correia.
L.da Rolanda Maria Albuquerque de Matos.

* * *

CADEIRAS E CURSOS ANEXOS

CADEIRAS E CURSOS DE DESENHO

PROFESSORES

L.do Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque.
L.do Rodrigo Faro de Albuquerque Fonseca.

CURSO DE GEOGRAFIA MATEMÁTICA (4)

* * *

PESSOAL CONTRATADO ALÉM DO QUADRO

Dr. Ernst Matthes, *professor para a regência de cadeiras de Zoologia.*
L.do Francisco Martinez Garcia, *assistente para o 2.º grupo, 2.ª secção.*
L.da Magda Mercedes Moscoso Botelho, *assistente para o 2.º grupo, 3.ª secção.*

---

(1) 1.º assistente.

(2) Desde 21-8-1950, data da aposentação do Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação.

(3) Desde 27-7-1950, data da posse do Dr. José Antunes Serra no lugar de professor catedrático.

(4) Regido pelo Dr. José Custódio de Morais.

L.do Manuel Alves da Silva, *assistente para o 2.º grupo, 2.ª secção.*
L.do Joaquim Anacoreta Correia, *assistente para o 2.º grupo, 2.ª secção.*
L.da Maria Esmeralda Leite Rainho, *assistente para o 1.º grupo, 2.ª secção.*
L.do Alberto Vaz Cunha Simões da Silva, *assistente para o 2.º grupo, 1.ª secção.*
L.do João José Lopes Farinha, *assistente para o 1.º grupo, 1.ª secção.*
L.do Luís Gonçalves da Silva, *assistente para o 1.º grupo, 2.ª secção.*

*

PROFESSORES CATEDRÁTICOS APOSENTADOS

Dr. Aurélio Pereira da Silva Quintanilha.
Dr. João Gualberto de Barros e Cunha.
Dr. Mário Augusto da Silva.
Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.
Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação.

* * *

PESSOAL TÉCNICO, AUXILIAR E MENOR

Desenhador de 2.ª classe

José dos Santos Figueira.

Bedel da 1.ª secção

Manuel Gonçalves.

Bedel das 2.ª e 3.ª secções

Américo Sarmento.

Contínuo de 1.ª classe

Manuel António.

Contínuo de 2.ª classe

José Gaspar das Neves Pinto.

ESTABELECIMENTOS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS

LABORATÓRIO DE FÍSICA

Director

Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.

Preparador-conservador

L.do José Lopes Cristo.

Preparador

Francisco Correia Galvão Júnior.

Maquinista

Danilo Gonçalves da Costa.

Contínuo de 1.ª classe

Fausto Tavares.

Guarda de 2.ª classe

António Paulo.

LABORATÓRIO QUÍMICO

Director

Dr. Rui Gustavo Couceiro da Costa.

Analista

L.do António Simões da Silva.

Preparador-conservador

Francisco Maria Coimbra.

Contínuo de 1.ª classe

Belmiro França.

Contínuo de 2.ª classe

António dos Santos Ferreira.

SERVENTE

José França.

MUSEU E LABORATÓRIO MINERALÓGICO E GEOLÓGICO

DIRECTOR

Dr. José Custódio de Morais.

NATURALISTA

L.do António Duarte Guimarães.

AUXILIAR DE NATURALISTA

José Vitorino de Seiça Santos.

PREPARADOR

Amadeu Ferreira.

AJUDANTE DE PREPARADOR

Vago (1).

COLECTOR DE 1.ª CLASSE

António Martins Pais.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Alberto Dinis da Fonseca.

INSTITUTO BOTÂNICO DR. JÚLIO HENRIQUES

(Museu, Laboratório e Jardim Botânico)

DIRECTOR

Dr. Abílio Fernandes.

NATURALISTA

L.do Francisco de Ascenção Mendonça (2).
L.da Rosete Mercedes Saraiva Batarda (3).

---

(1) Desde 16-3-1949, data da posse do L.do Miguel Marques da Fonseca Barata no lugar de assistente da Faculdade de Medicina.

(2) Em comissão de serviço na Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais.

(3) No exercício interino destas funções durante o impedimento do respectivo titular.

AUXILIARES DE NATURALISTA

José da Silva.
Francisco de Sousa.

CATALOGADOR

Francisco Cabral Júnior.

PREPARADOR

Aníbal Sail Sarmento.

JARDINEIRO-CHEFE

Joaquim dos Santos Pires.

JARDINEIRO-SUBCHEFE

Augusto Gonçalves.

MUSEU E LABORATÓRIO ZOOLÓGICO

DIRECTOR

Dr. José Antunes Serra.

NATURALISTAS

B.el António Armando Temido
B.el João Miguel Ladeiro.

AUXILIAR DE NATURALISTA

Rogério Nogueira de Carvalho.

PREPARADOR

Arnaldo Alves dos Santos.

CATALOGADOR

Virgílio Nogueira de Carvalho.

COLECTOR DE 1.ª CLASSE

Domingos Figueiredo de Noronha.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Vago (1).

---

(1) Desde 24-8-1949, data da aposentação de João da Fonseca.

MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO

DIRECTOR

Dr. José Antunes Serra.

ANTROPOMETRISTA

L.da Maria Augusta Maia Neto.

AUXILIAR DE NATURALISTA

José Domingos dos Santos.

PREPARADOR

António Dias Lourenço.

SERVENTE

José Rodrigues.

OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO

DIRECTOR

Dr. Manuel dos Reis.

OBSERVADOR CHEFE DE SERVIÇOS

L.do Francisco Alves Ferreira.

2.º AJUDANTE DE OBSERVADOR

Adelino Pessoa.

MAQUINISTA CONSERVADOR DE INSTRUMENTOS

Armando José Adriano.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

António Barata.

INSTITUTO GEOFÍSICO

DIRECTOR

Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.

ARTÍFICE

Humberto Ribeiro da Cruz.

CONTÍNUO DE 1.ª CLASSE

Álvaro José Adriano.

INSTITUTO DO RÁDIO (SECÇÃO DE CIÊNCIAS)

DIRECTOR

Dr. João Rodrigues de Almeida Santos.